

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ALZIRA PIMENTEL BONDAN

SAÚDE DOCENTE:
Relação entre gênero e estresse profissional

Porto Alegre

2011

ALZIRA PIMENTEL BONDAN

SAÚDE DOCENTE:

Relação entre gênero e estresse profissional

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação. Pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Bettina Steren dos Santos

Porto Alegre

2011

B711s Bondan, Alzira Pimentel
Saúde docente: relação entre gênero e estresse
profissional. / Alzira Pimentel Bondan. – Porto Alegre,
2011.
93 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) –
Faculdade de Educação, PUCRS.
Orientação: Prof^a. Dra. Bettina Steren dos Santos.

1. Educação. 2. Bem Estar Pessoal. 3.
Satisfação no Trabalho. 4. Estresse Profissional. 5.
Professores – Atuação Profissional. 6. Professores –
Aspectos Psicológicos. I. Santos, Bettina Steren dos.
II. Título.

CDD 371.12019

**Bibliotecária responsável:
Cíntia Borges Greff - CRB 10/1437**

ALZIRA PIMENTEL BONDAN

SAÚDE DOCENTE:

Relação entre gênero e estresse profissional

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação. Pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Bettina Steren dos Santos (Orientadora/ PUCRS)

Prof.^a Dr.^a. Leda Lísia Franciosi Portal (PUCRS)

Prof.^a Dr.^a. Marlene Rozek (PUCRS)

Dedico essa dissertação ao meu marido João e aos meus filhos Jean e Jardel, pelo estímulo e pelo orgulho que vejo nos seus olhos diante da minha luta incansável para realizar os meus sonhos. Também dedico a mim mesma, real protagonista de uma história de superação, pelos desafios e embates pessoais travados ao longo desses dois anos e por não me deixar abater pelas adversidades.

Aos meus amados pais ❤️ Terencio e
Noemia (*in memoriam*) que certamente,
estão muito orgulhosos.

AGRADECIMENTOS

À minha querida mãe, que sempre mostrou-se orgulhosa com essa minha conquista, vindo a falecer repentinamente no dia 02 de agosto de 2011, deixando-me sem chão, sem ânimo e sem alegria. Mas, amparada no seu sorriso alegre e solto que habita minhas lembranças, reergo-me e sigo em frente.

Aos três homens da minha vida: João, Jean e Jardel, pelos momentos de recolhimento que me perdi em devaneios, entre livros e autores, leituras e escritas, esquecendo de tudo ao meu redor. Especialmente por vocês, continuo, mesmo com a cabeça desarrumada pela falta da minha mãe, reorganizando meus pensamentos para poder continuar escrevendo. À minha querida irmã Jandira, pelo eterno cuidado e carinho. E ao meu irmão Olavo, por estar junto a nossa mãe até o último momento.

A Deus, pela força que me deu em toda essa caminhada, pois, sem a fé que alimenta os meus sonhos, eu jamais teria chegado aonde cheguei.

À minha querida Orientadora Bettina Steren dos Santos, pela tranquilidade transmitida nos meus momentos de dúvidas e pelo jeito compreensivo com que sempre me tratou.

À minha querida Prof.^a Leda Lísia Franciosi Portal, pela presença marcante na minha banca de qualificação e pelo apoio afetuoso nos momentos os quais precisei.

À Prof.^a Marlene Rozek, por oportunizar-me observá-la no estágio em docência com o 1º semestre da Pedagogia da PUCRS. E a todos os meus professores, por tudo o que representaram nessa minha conquista, obrigada!

Às minhas inesquecíveis colegas: Alice Jacques, Jéssica Ferraz, Vera Lúcia Felicetti, Carla Netto, Martha Luci, Aline Mendes, Dirce Herbertz, Miriam Lacerda. O colega Giovane de Souza e tantos outros. E a minha especial amiga M^a Alice Corrêa pelo apoio nessa conquista.

Às queridas Irmãs da Escola de Ensino Básico Mãe Admirável, pelo reconhecimento e apoio ao meu trabalho de pesquisa e pela admiração ao trabalho que realizo na escola como Orientadora Educacional. Aos professores (sujeitos) da minha pesquisa, pela disponibilidade que demonstraram quando solicitados a colaborar respondendo ao questionário da entrevista.

RESUMO

O presente estudo sobre “**Saúde Docente: Relação entre gênero e estresse profissional**” faz parte da linha de pesquisa “Pessoa e Educação”, que estuda a educação como um processo amplo implicado no desenvolvimento, na formação e na autoformação da pessoa, destacando seus entrelaçamentos com a saúde, a espiritualidade e as histórias de vida. O objetivo desse estudo é analisar a saúde dos professores, tendo como foco o estresse laboral, vivido no seu dia a dia, relacionando com os gêneros, no sentido de compreender a forma como os docentes do sexo masculino e feminino enfrentam esses estresses. A metodologia adotada foi de abordagem qualitativa, utilizando como estratégia de pesquisa a entrevista semiestruturada, composta de 12 perguntas que foram aplicadas em professores de uma escola da rede particular de ensino de Porto Alegre. Os sujeitos selecionados (cinco homens e cinco mulheres) são docentes dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, por se tratar de níveis de ensino em que se encontram professores de ambos os sexos. A análise dos dados teve como suporte teórico, a análise textual discursiva de Moraes e Galiazzi (2007), na qual a compreensão do texto se fez através de uma linguagem sistematizada pelos três elementos principais que guiam esse tipo de análise: unitarização, categorização e a comunicação. As categorias que emergiram foram: *“formação e aperfeiçoamento docente; pontos positivos da profissão docente; dificuldades encontradas no desenvolvimento da docência; situações de estresse docente e estratégias de coping; escola e saúde docente; diferença dos gêneros na elaboração do estresse docente”*. Esse estudo não pretende provar, nem criar uma teoria, no entanto, através dele foi possível considerar que os homens envolvem-se menos com as questões do alunado, tratando as situações com mais distanciamento, enquanto as mulheres buscam soluções e se preocupam bem mais com a resolução imediata das questões, absorvendo mais os problemas.

Palavras-chave: Escola. Saúde-docente. Estresse Profissional. Gêneros.

ABSTRACT

The present study on “Health Teacher: Relation between genre and professional stress” is part of the research line “Individual and Education”, which studies education as a broad process involved in developing, training and self-education of individual, highlighting its interlacements with health, spirituality and life stories. The aim of this study is to analyze the health of teachers, focusing on stress at work, lived in their day to day relationship with the genres in order to understand how teachers male and female face these stresses. The methodology applied was qualitative approach, using as a research strategy the semi- structured interview, consisting of 12 questions that were imposed on teachers in a private school of Porto Alegre. The selected subjects (five men and five women) are the final years of teaching elementary and high school, because this is where education levels are teachers of both sexes. Data analysis was theoretically supported, textual analysis of discursive Galiazzi and Moraes (1997) in which the understanding of the texts was made through a systematic language by three main factors that guide this type of analysis: unitarization, categorization and communication. The categories that emerged were: *“Teacher training and development; strengths of the teaching profession; difficulties encountered in the development of teaching, teaching situations of stress and coping strategies, school and teacher health, genre differences in the development of teachers stress”*. This study did not intend to prove, or create a theory, however, through it was possible to consider that men are less involved with the issues of the students, dealing with situations with more distance, while women seek solutions and are concerned with much more immediate resolution of the issues, taking more the problems.

Keywords: School. Health Teacher. Professional Stress. Genres.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características dos tipos de comportamento	18
Quadro 2 - Alguns desencadeadores de progressão da Síndrome de Burnout	30
Quadro 3 - Características dos professores sujeitos da pesquisa.....	45
Quadro 4 - Categorias emergentes encontradas	50
Quadro 5 - Como prevenir o estresse na escola	75

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Stress.....	19
Figura 2 - Estresse Agudo.....	20
Figura 3 - Estresse Crônico.....	20
Figura 4 - “To Bum Out” (queimar por completo)	25
Figura 5 - Área da Saúde	26
Figura 6 – Área da Educação.....	26
Figura 7 - Idealismo.....	27
Figura 8 - Decepção	28
Figura 9 - Apatia.....	28
Figura 10 - Conceito de Gênero	31
Figura 11 - Estresse do gênero feminino	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 BREVE HISTÓRICO DO ESTRESSE	17
2.1.1 Tipos de Estresse	20
2.2 ESTRATÉGIAS DE COPING (ADAPTAÇÃO FRENTE AO EVENTO ESTRESSOR).....	23
2.3 A SÍNDROME DE BURNOUT E SEUS EFEITOS SOBRE A SAÚDE DO PROFESSOR.....	25
2.3.1 Estados de estafa causados pela Síndrome de Burnout	25
2.3.2 Etapas da Síndrome de Burnout	27
2.4 GÊNERO NO CONTEXTO EDUCACIONAL.....	31
2.5 FATORES QUE INTERFEREM NA SAÚDE DOCENTE	33
2.5.1 Estresse, escola e saúde docente	33
2.5.2 A mulher, o homem, a docência e o contexto escolar	34
2.5.3 A família e o aluno no contexto escolar	36
2.5.4 A Inclusão no contexto escolar	39
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
3.1 DELINEAMENTOS DA PESQUISA	43
3.1.1 Problema	43
3.2 OBJETIVOS DA PESQUISA	43
3.2.1 Geral	43
3.2.2 Específicos	43
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	43
3.4 INSTRUMENTOS DA PESQUISA	46
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	46
4 RESULTADOS ENCONTRADOS	48
4.1 ANALISANDO AS CATEGORIAS	50
4.1.1 Formação e aperfeiçoamento docente	50
4.1.2 Pontos positivos da profissão docente	53
4.1.3 Dificuldades encontradas no desenvolvimento da docência	57
4.1.4 Situações de estresse docente e estratégias de coping	64

4.1.5 Escola e saúde docente.....	67
4.1.6 Diferença dos gêneros na elaboração do estresse profissional docente .	72
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS.....	85
APÊNDICES	91
APÊNDICE A - ROTEIRO PARA A ENTREVISTA.....	92
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO	93

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

“Bendito aquele que semeia livros e faz o povo pensar”.

Castro Alves (1847)

Escrever sobre o começo de uma história de vida e de estudos é sempre muito significativo, pois representa para quem escreve uma volta no tempo marcada por intensas lembranças de pessoas (que já partiram), de vidas entrelaçadas a nossa e de saudades que não dão trégua, apesar do tempo. Olhar para o passado é uma tentativa de resgate de tudo e de todos que fizeram parte da nossa história e que de alguma forma, positiva ou negativa, contribuíram para a formação da pessoa que nos tornamos.

Ainda criança, em Ibirubá, um pequeno município do interior do Rio Grande do Sul, minha grande paixão pelos livros já demonstrava que ali nascia uma pesquisadora, ansiosa por novas descobertas e que sonhava tornar-se protagonista de uma história de estudos e trabalhos voltados a uma causa socialmente nobre. Cresci entre oito irmãos, sendo eu, a sétima da prole. A leitura de jornais, as notícias no rádio e mais tarde na televisão, era um dos hábitos do patriarca da família. Logo, acredito que minha grande paixão por ler e estudar tenha vindo desse exemplo.

Nunca me imaginei uma educadora, pois a psicologia sempre foi o meu sonho maior. Mas o tempo me fez ver que era preciso compreender a educação para poder entender a formação do ser humano e a formação que eu buscava. Então, por meio do Curso de Pedagogia e mais tarde com a Pós-Graduação em Psicologia Clínica, percebi que esse era realmente um caminho sem volta, pois todas as minhas buscas estavam intrinsecamente relacionadas à educação e à dimensão psicológica do ser humano.

No trabalho que realizo em escola como Orientadora Educacional, enfrento situações diversas de estresse com famílias e alunos. Isso fez com que eu percebesse a necessidade emergente de abordagens diferenciadas e motivadoras para que essas pessoas compreendessem a dinâmica escolar e o papel de cada um dentro do contexto educativo. Todas essas situações levaram-me a querer entender mais sobre assuntos que faziam parte do meu dia a dia e muitas interrogações começaram a inquietar-me, especialmente o estresse dos professores ao longo de

um ano letivo e a forma de elaboração desses estresses por parte dos mesmos e da escola.

As mudanças na educação, os avanços tecnológicos e a complexidade das novas gerações desse novo século (XXI) tornam-se um desafio para os educadores e também para as famílias. A educação contemporânea exige uma repaginada na escola tradicionalmente estabelecida e constante atualização dos educadores para que possam se apropriar das novas demandas educacionais e de uma nova era, globalizada e tecnologicamente avançada.

E é nessa fusão de novos conceitos e mudanças de paradigmas que o educador entra num doloroso embate pessoal e profissional, muitas vezes não dando conta das novas exigências, devido à falta de estrutura emocional ou pelo enfraquecimento da sua identidade profissional, antes tão valorizada e contemporaneamente relegada ao descaso e até mesmo ao esquecimento, pois os conflitos sociais e mundiais parecem influenciar diretamente na educação, fazendo com que as exigências educacionais tornem-se cada vez maiores.

Isso significa que o professor como profissional comprometido precisa estar imbricado nas diferentes propostas que a escola atual apresenta, pois a sociedade lhe cobra uma postura e uma atuação assertiva com relação às novas necessidades que a escola propõe. Entretanto, nem sempre o professor está preparado para enfrentar as situações que emergem no dia a dia da escola, bem como da sociedade e do mundo. Diante desse contexto e devido a tais exigências, o educador passa a sentir-se pressionado, estressado e às vezes sua saúde fica fragilizada.

A saúde do professor tem sido bastante abordada, nos últimos anos, devido às condições de trabalho a que ele está exposto e às muitas horas dedicadas à Instituição Escolar. Portanto, nesse estudo, busca-se relacionar gênero com estresse profissional docente, considerando uma variedade de fatores que podem afetar o bem-estar do professor, pois esses fatores parecem estar vinculados ao seu fazer diário, incluindo, mas não se limitando, às questões profissionais, logo inclui aspectos pessoais e emocionais que também podem influenciar diretamente ou indiretamente na baixa tolerância aos problemas que envolvem a sala de aula e todo o contexto escolar. Sendo essa, uma pesquisa de cunho qualitativo, que objetiva ter como ponto preponderante uma análise reflexiva significativa, teve como instrumento uma entrevista semiestruturada, composta por 12 (doze) perguntas relacionadas à prática docente e ao dia a dia com os alunos na escola.

A temática em estudo amparou-se na pesquisa de Moraes e Galiuzzi (2007), com enfoque na análise textual discursiva. Esse tipo de análise possibilita uma multiplicidade de estratégias de leituras complementares que abrem novos caminhos e favorecem diferentes compreensões das falas dos sujeitos entrevistados. É importante a escolha do caminho que pretendemos seguir para uma definição da nossa própria linha de pensamento. No entanto, isso só fica claro, quando entendemos o sentido da nossa pesquisa e aquilo que queremos compreender e comprovar por meio do estudo. Os autores tornam-se aliados nessa busca por autoafirmação, no sentido de tornar a caminhada mais estável, com embasamento científico comprovado e não somente alicerçada em conhecimentos empíricos sem cientificidade.

Os sujeitos entrevistados são professores do nível básico (anos finais do ensino fundamental e ensino médio) de uma escola da rede particular de Porto Alegre. Foi escolhida uma representatividade de 10 (dez) profissionais docentes, 5 (cinco) homens e 5 (cinco) mulheres de diferentes formações acadêmicas, idades variadas, além de poucos e/ou muitos anos de experiência na área educativa, com o intuito de tornar a pesquisa mais fundamentada, devido ao cruzamento das diferentes visões a respeito do assunto pesquisado.

Como forma de complementar os estudos sobre o tema – *“Saúde Docente: Relação entre gênero e estresse profissional”* – e atingir os objetivos da pesquisa, foi necessário um aprofundamento retrospectivo na história do estresse ao longo dos séculos, ampliando o olhar e aproximando as teorias dos diversos autores que deram suporte a esse trabalho e permitindo através das suas correntes filosóficas uma reflexão mais profunda e analítica. Aliada a essas teorias científicas, foi possível estabelecer relações e fazer cruzamentos, entendendo em que momento surgiu o estresse e como ele foi se conceituando numa complexa tendência do mundo moderno.

Para isso, o trabalho estruturou-se em elementos que nortearam todo o entrelaçamento das ideias, aprofundando as reflexões e conduzindo a autora a abrir novas possibilidades de entender a diversificação que o tema propõe. Nesse desencadeamento de frentes a serem pesquisadas, escolheu-se explorar no referencial teórico os seguintes pontos: um breve histórico do estresse; as estratégias de coping (adaptação frente ao evento estressor); a Síndrome de *Burnout* e seus efeitos sobre a saúde do professor; gêneros no contexto

educacional; fatores que interferem na saúde docente; estresse, escola e saúde docente; a mulher, o homem, a docência e o contexto escolar; a família e o aluno no contexto escolar e a inclusão no contexto escolar.

O referencial teórico amparou-se nos estudos dos seguintes autores que deram a sustentação necessária para um trabalho permeado por teorias consistentes, que vão se construindo e se complementando com os pensamentos de cada autor: Rossi (1992); Codo (1999); Lipp (2000); Dias e Silva (2002); Baccaro (1997); Fontana (1991); Selye (1976); Holmes (1997); Lázarus (1992); Capelo e Pocinho (2009); Folkman e Lázarus (1984); Latack (1986); Esteve (1999); Abreu et al. (2002); Maslach e Goldeberg, Maslach e Leiter (1998, 1999); Bondan e Bardagi (2008); Perrenoud (1993); Carlotto (2002); Barreto (2004); Reinhold (2002); Pocinho e Perestrello (2011); Jesus (1996); Money (1955); Tamayo e Tróccoli (2002); Almeida (1998); Freire (1996); Nóvoa (1999); Jonsson (1994) e Garcia (1999).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BREVE HISTÓRICO DO ESTRESSE

Rossi (1992) reporta-se a séculos passados para explicar quando surgiu o estresse¹ e o que é o estresse. Segundo estudos da autora, os médicos americanos Rosenman e Friedman, no seu livro “*O Comportamento Tipo A e o Seu Coração*” (1959,1960), causaram verdadeiro pânico nos profissionais e executivos da época quando alertaram sobre o ataque cardíaco prematuro nos indivíduos do perfil Tipo A.

Esses autores comprovaram por meio de suas pesquisas com homens e mulheres dos tipos A e B um nível de alta ansiedade no tipo A, caracterizando uma tendência competitiva e de constante pressão de homens e mulheres profissionais (ROSENMAN; FRIEDMAN, 1967 apud ROSSI, 1992).

Os indivíduos A e B se diferenciam pelas suas aspirações: o tipo A luta contra o relógio para dar conta de toda a sua demanda de trabalhos e compromissos, vivendo no limite da sua resistência física, enquanto o indivíduo do tipo B preocupa-se mais em desenvolver uma disciplina mental que lhe promova bem-estar e qualidade de vida.

O desejo crescente do “*ter*” torna o indivíduo refém de seu próprio descontrolo. Na realidade, não basta só querer ter, é preciso haver sentido nas buscas para que exista o prazer da conquista. Converter todos os esforços físicos e mentais em satisfação profissional, baseada em valores materiais pode contribuir para uma satisfação momentânea, mas não é construto preditor para a certeza de uma vida plena, longa, saudável e feliz.

¹ Estresse é uma palavra derivada do latim, que foi popularmente usada durante o século XVII para representar “adversidade” ou “aflição”. Em fins do século XVIII, seu uso evoluiu para denotar “força”, “pressão” ou “esforço”. Mas foi apenas no início do século XX que as ciências biológicas e sociais iniciaram a investigação de seus efeitos na saúde física e mental das pessoas (ROSSI, 1992, p.19).

O quadro abaixo faz uma relação de alguns comportamentos que caracterizam os dois tipos de perfis (A e B), possibilitando identificar e mudar as ações e ou/reações em detrimento de uma vida mais saudável e feliz. A identificação das fontes causadoras dos estresses é o primeiro exercício para uma mudança realmente consciente, seguida de uma atitude mentalmente disciplinar que é capaz de criar neuroassociações (causa e efeito) entre uma coisa agradável e que vai proporcionar o bem-estar pessoal e mental ou uma coisa desagradável, que vai causar o mal-estar, deprimindo a mente e causando possíveis dores físicas ao corpo.

Quadro 1 - Características dos tipos de comportamento

PERFIL TIPO A	PERFIL TIPO B
<ul style="list-style-type: none"> - Perfeccionistas; durões; - Personalidade tipo autodestrutiva; - Depressivos; autoritários; - Impacientes; competitivos; - Bem-sucedidos / medidas de sucesso quantificáveis; - Intensa frieza; fala em ritmo acelerado; - Propensos a irritabilidade e hostilidade; - Extremo senso de urgência/pressa; - Objetivo primordial de chegar ao topo e lá ficar; - Tensão constante em filas ou trânsito; - Culpa quando não está produzindo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Não luta contra o relógio; relaxa sem qualquer sentimento de culpa; - Não compete compulsivamente; mantém um ritmo estável; - Não é muito crítico consigo mesmo e com os outros; se avalia em termos de qualidade do seu trabalho; - Aproveita o tempo que está parado para relaxar um pouco e planejar; tende a ouvir as pessoas pacientemente; - Aprecia ficar de pernas para o ar de vez em quando; gosta de fazer uma coisa de cada vez; - Estabelece objetivos definidos para a sua realização profissional.

Fonte: ROSSI (1992, p.40-42)

Figura 1 - Stress



Fonte: Martins, 2010.

O fisiologista americano Walter Bradford Cannon (1871-1945) foi um dos pioneiros no estudo do estresse, apresentando uma das primeiras teorias em 1914, chamada de “*fight-or-flight*”, em português significa: “lutar ou fugir”. Segundo essa teoria, nosso organismo quando está em desespero ou situação de emergência, acessa um mecanismo de defesa que o prepara para enfrentar a situação problema. (CANNON, 1914)

Codo (1999), no livro “Educação: Carinho e Trabalho”, explica que o termo Estresse e/ou Stress², tem origem na física e que o seu significado original é o de fricção, ou desgaste provocado por fricção. Complementa ainda que as energias vão sendo roubadas pela fricção de um corpo em relação aos outros.

Segundo o Dicionário Aurélio (1987), estresse é o conjunto de reações do organismo a agressões de ordem física, psíquica, infecciosa, e outras capazes de perturbar a homeostase (equilíbrio interno).

² O termo “Stress” vem do inglês, no Brasil o termo usado é “estresse” que significa esforço de adaptação do organismo para enfrentar situações que considere ameaçadoras a sua vida e ao seu equilíbrio interno. AZEITONA, Débora. **Stress**. Disponível em: <http://www.notapositiva.com/trab_estudantes/trab_estudantes/portugues/portugues_trabalhos/stress.htm>. Acesso em julho de 2011.

2.1.1 Tipos de Estresse

Figura 2 - Estresse Agudo



Fonte: SIGOLLO, 2012.

Figura 3 - Estresse Crônico



Fonte: Daniel, 2010.

O estresse pode ser agudo (episódios isolados – figura 2) ou crônico (figura 3). O tipo agudo é uma reação a uma ameaça imediata; o estresse crônico envolve situações a longo prazo, como problemas de relacionamento, pressões no trabalho, e preocupações financeiras ou com a saúde. Lipp (2004) e Rodrigues et al (2005), definem estresse como uma reação psicofisiológica muito complexa que tem, em sua gênese, a necessidade do organismo lidar com algo que ameaça a sua homeostase ou equilíbrio interno.

Os autores Dias e Silva (2002) e Baccaro (1997) já comprovaram que o estresse pode ter várias causas; dentre elas: mudanças no estilo de vida ou a exposição a determinados ambientes que podem causar uma situação estressora.

A pessoa ao sentir um determinado tipo de angústia não consegue reagir e pode apresentar sintomas como: pânico, sudorese, diarreia e comportamentos que comprometem sua participação em grupos sociais como a escola, amigos, família, etc.

Quando os sintomas estressores persistem por um longo intervalo de tempo, podem ocorrer sentimentos ligados à depressão, os mecanismos de defesa passam a não responder de uma forma eficaz, aumentando assim a possibilidade de vir a ocorrer algum tipo de doença. Tamayo e Tróccoli (2002) referem que o estresse não se caracteriza como uma doença, mas pode ser o causador de várias delas, como por exemplo, as doenças cardíacas, respiratórias, circulatórias, musculares, sexuais, dermatológicas, que dependendo do seu nível podem atingir todo o organismo baixando a imunidade da pessoa.

No livro “Psicologia para professores”, Fontana (1991, p.472) refere que é importante que realmente saibamos o máximo possível sobre o estresse se quisermos ser capazes de “evitá-lo quando pudermos e lidar com ele quando não pudermos”. Alerta, também, para sintomas de insônia, ataques de pânico, mudanças abruptas nos padrões de vida, aumento no consumo de bebidas alcoólicas, inquietude, depressão e irritabilidade, pois são sinais de um estresse crescente que devem ser tratados de forma rápida e corretiva antes que a situação se torne mais grave.

O termo estresse/agaste ou consumição foi usado por Hans Hugo Bruno Selye (1907-1982) com um sentido neutro – nem positivo nem negativo. Ele o definiu como sendo uma reação não específica do corpo a qualquer tipo de exigência. A partir dessa definição, Selye (1976) diferencia dois tipos de estresse: o eustresse (buscas e conquistas de novos desafios produzem o estresse positivo); e o distresse (distúrbio psíquico - negativo). Atualmente, o termo “distresse” quase não é mais usado tendo sido substituído pelo próprio termo estresse, que passou a ter o sentido negativo do desgaste emocional. Nesse sentido, podemos entender que estresse é o grau de desgaste do nosso organismo diante de alguma demanda que a ele é feita, indicando que a situação é de uma exigência maior do que os meios para enfrentá-la.

Conforme refere Selye (1976), o estresse tem três fases: a de *alarme* contra os predadores, tais como: o desemprego ou risco de desemprego, os problemas de saúde familiar e/ou pessoal. A fase de *resistência*, em que o corpo e a mente procuram reagir/resistir às ameaças desses predadores, entrando numa situação defensiva. Nessa fase podem se evidenciar vários tipos de sintomas de reação de defesa: taquicardia; falta de apetite; reação depressiva; perda produtiva no trabalho; hipertensão momentânea; diarreia; etc. Se o corpo e o organismo estiverem em boas condições de saúde, o indivíduo consegue dar conta do evento estressor evitando assim o *esgotamento*, que representa a fase final e mais complicada do estresse. A partir dessa fase, a pessoa pode necessitar de ajuda médica e/ou medicação, além de apoio psicológico para vencer as doenças que por consequência dele (esgotamento) podem ser causadas.

Para Holmes (1997), um termo muito importante no estudo do estresse é o “*estressor ou esgotador*”, que significa o fato causador do estresse (evento e/ou acontecimento que exigem do indivíduo uma reação adaptativa à nova situação - Coping). Em 1970, esses dois especialistas em estresse da Universidade de Washington criaram uma escala para medir níveis de estresse e a previsão de futuras doenças, além dos possíveis danos causados por essas doenças, mas foram criticados e desacreditados e não houve continuidade de sua pesquisa.

Diante dessa compreensão histórica sobre a relevância do tema estresse, torna-se importante pensar nas condições atuais de trabalho dos profissionais da área da educação, foco dessa pesquisa, pois sabe-se que alguns profissionais trabalham à frente de instituições escolares sem a mínima estrutura física e de apoios, além de trabalharem totalmente desprotegidos em áreas de risco. A maioria desses professores faz muito mais do que as condições permitem, mas o sentimento de pouco reconhecimento do seu trabalho e a grande responsabilidade que as demandas sociais exigem estão se tornando nocivas à saúde dos mesmos. Nesse sentido os educadores precisam buscar estratégias para responder às demandas emocionais internas e externas que se apresentam no seu dia a dia, visando a seu bem-estar físico e emocional.

2.2 ESTRATÉGIAS DE COPING (ADAPTAÇÃO FRENTE AO EVENTO ESTRESSOR)

O termo inglês *coping*, segundo Lázarus (1992), representa o conjunto de estratégias cognitivas e comportamentais utilizadas pelos sujeitos para lidar com as demandas internas e externas excessivas que exigem uma resposta imediata, na busca da elaboração do problema.

A ideia de *coping* como uma reação de defesa do organismo surgiu no século XIX, tendo como pano de fundo, estudos avaliativos sobre o inconsciente do indivíduo. Porém, autores como Capelo e Pocinho (2009) trazem uma nova concepção de *coping*, que se evidenciou nos anos 60, século XX e passou a ser entendido como estratégias conscientes encontradas pelo indivíduo para a elaboração das diferentes formas de estresse pelas quais ele passa.

Desse modo, segundo Folkman e Lázarus (1984) o *coping* deixa de ser uma reação-defensiva/inconsciente/patológica para passar a ser uma estratégia-comportamental/contextual/consciente. Isso significa uma mudança de psicopatológica para socioecológica, de forma, que não se pensa mais em *defesas* centradas no mundo interno do indivíduo, mas sim, em *estratégias* de enfrentamento que se desenvolvem a partir da própria vivência cotidiana do indivíduo.

Os autores ainda complementam com seus estudos que as estratégias de *coping* referem-se às ações cognitivas e comportamentais que envolvem as reações adaptativas de cada pessoa frente aos estressores que se apresentam, da sua interação com o ambiente ao qual ele está exposto. Para esses autores, as estratégias de *coping* resumem-se num processo ou uma interação que se dá entre o indivíduo e o ambiente, sendo que sua principal função é de administrar as situações estressoras, ao invés de controlar ou dominar a mesma. O *coping* pressupõe a interpretação cognitiva, como é representada na mente do sujeito e, por fim, constitui-se na forma na qual os indivíduos empreenderão esforços cognitivos e comportamentais para trabalhar (reduzir ou tolerar) as demandas internas ou externas que surgem da sua interação com o ambiente.

Latack (1986) criou um instrumento de avaliação para medir as estratégias de *coping* em nível ocupacional, buscando avaliar a frequência com que o indivíduo utilizava as seguintes estratégias no contexto ocupacional: *controle ou confronto*; *escape ou evitamento*; *gestão de sintomas*. O instrumento foi explorado e adequado

por Jesus e Pereira (1994), no sentido de favorecer as pesquisas no contexto educacional.

Nas escolas, vivem-se demandas de estresse muito complexas e desafiadoras e é necessário trabalhar com essas sobrecargas diárias de forma a encontrar um meio ou uma estratégia que amenize esses causadores do mal-estar docente, quando ele não puder ser resolvido de forma efetiva. Os autores Jesus e Pereira (1994) investigaram quais das estratégias eram mais utilizadas por professores no enfrentamento e elaboração dos seus estresses profissionais, sendo que ficou evidenciado um equilíbrio na ordem, tendo como primeira escolha o *controle e confronto* (na tentativa de resolução do conflito), em segunda escolha, o *escape ou evitamento* (como estratégia de negação) e, por último, *a gestão de sintomas* (no sentido da busca por ajuda).

Segundo Pocinho e Perestrello (2011), quanto mais estratégias de *controle e enfrentamento* (adaptação) por parte dos professores na resolução das insatisfações e/ou conflitos, mais realizados profissionalmente tendem a ser. O mesmo se aplica no sentido do *escape ou evitamento* das situações conflituosas, pois esse tipo de estratégia comportamental pode ser determinante para uma consequência emocional de maior comprometimento.

Para Codo (1999) e Esteve (1999) existe uma pressão exercida pelas mudanças no contexto educacional e pelas novas tecnologias, que conduzem o professor a buscar novas estratégias de adaptação e enfrentamento.

Cabe ressaltar aqui a importância de que a escola acompanhe essas necessidades que o docente está sinalizando, suas tentativas de equilíbrio e ajustamento às situações, assim como às demonstrações de dificuldades no enfrentamento dos problemas e à administração de todas essas demandas. Estudos apontam que o sentimento de acolhida por parte da escola e dos pares nos momentos de fragilidade faz com que o profissional encontre mais facilidade e confiança na sua reorganização mental e física após uma ocorrência perturbadora. A sustentação positiva dada pela Instituição é determinante no bem-estar do professor, contribuindo para a sua autoestima e, conseqüentemente, para uma maior eficácia no desenvolvimento da sua atividade laboral, evitando dessa forma a possibilidade de desenvolvimento da Síndrome de Burnout, mais conhecida como a síndrome da desistência do educador, conforme refere Codo (1999).

2.3 A SÍNDROME DE BURNOUT E SEUS EFEITOS SOBRE A SAÚDE DO PROFESSOR

Embora não haja, na literatura, um consenso da relação entre a Síndrome de Burnout e o estresse profissional, para Abreu et al (2002), o fato de o estresse e o Burnout serem ocasionados a partir de situações relacionadas ao ambiente de trabalho é bastante relevante, embora o estresse possa ser visto apenas como um determinante para a referida síndrome. Porém, o estresse profissional em extremo pode ser um provocador da mesma. Lipp (2000) explica que existem diferenças entre o estresse profissional e o Burnout, pois o primeiro pode atingir qualquer pessoa independente de sua profissão ou área específica, enquanto o segundo se refere ao aspecto relacional, ao contato intenso com pessoas, caracterizando mais as profissões que trabalham diretamente com pessoas.

2.3.1 Estados de estafa causados pela Síndrome de Burnout

Figura 4 - “To Bum Out” (queimar por completo)



Fonte: Silva, 2010.

Figura 5 - Área da Saúde



Fonte: Patologia fácil, 2010.

Figura 6 – Área da Educação



Fonte: Portal do Estudante, 2008.

Uma das maiores consequências do estresse profissional hoje, se refere à Síndrome de Burnout. O termo Burnout foi utilizado como força de gíria em 1940 por militares e engenheiros mecânicos para designar uma pane geral em turbinas de jatos que “pifavam” (CHAFIC JBEILI, 2011). Posteriormente, a gíria Burnout foi utilizada por profissionais da saúde para designar o estado extremamente debilitado

e comprometido dos usuários de drogas. A associação do termo ao estado de estafa por estresse crônico só aconteceu em 1974 quando o Psicanalista Herbert Freudenberg publicou um artigo no Jornal *Of Social Issues*, depois de observar extremo estresse em médicos residentes, passando a ser denominada então de “Síndrome de Burnout”- to bum aut (queimar por completo – figura 4). Segundo, Maslach e Leiter (1999), as profissões mais vulneráveis ao *Burnout* são geralmente as que envolvem serviços, tratamento ou educação (figuras 5 e 6).

Atualmente, o termo é utilizado por especialistas da saúde mental para designar um estado avançado de estresse, cuja causa é exclusivamente o ambiente de trabalho. Segundo Chafic Jbeili (2011) é uma doença psicológica caracterizada pela manifestação inconsciente do esgotamento emocional. Esse esgotamento ocorre em consequência de grandes esforços realizados no trabalho fazendo com que o profissional fique mais agressivo, irritado, desinteressado, desmotivado, frustrado, depressivo, angustiado, passando a se avaliar negativamente.

2.3.2 Etapas da Síndrome de Burnout

Figura 7 - Idealismo



Fonte: Brito, 2010.

Figura 8 - Decepção

Fonte: Luiz Antonio, 2011.

Figura 9 - Apatia

Fonte: Comunidade Grupo Foco, 2011.

O modelo de progressão do Burnout é composto pelas seguintes etapas: a fase de idealismo e entusiasmo, com expectativas excessivas a respeito do trabalho (figura 7); a fase de progressivo estancamento e queda a respeito das expectativas iniciais; decepção e frustração (figura 8) e por fim, a fase de apatia; ou seja, atitudes negativas frente ao trabalho (figura 9). Essas etapas podem caracterizar justamente o que os estudiosos do Burnout chamam de “despersonalização”, que significa o endurecimento do lado afetivo do professor, num sentido de defesa, como se dessa forma ele pudesse transformar o que ele sente em algo menos sofrido. (CODO, 1999). De forma geral, as pesquisas dessa síndrome em professores ainda são incipientes no Brasil, e raros são os estudos que avaliam as diferenças comportamentais no caso dos gêneros.

Sabe-se que cada indivíduo se comporta de maneira diferente em situação de estresse e que um único estressor não poderá levá-lo ao estresse, mas sim, a combinação e o acúmulo de vários agentes (BONDAN; BARDAGI, 2008).

A Síndrome pode ser prevenida quando os agentes estressores no trabalho são identificados, modificados ou adaptados à necessidade do profissional, quando se prioriza as tarefas mais importantes no decorrer do dia, quando se estabelece laços pessoais e/ou profissionais dando-lhes importância, quando os horários diários não são sobrecarregados de tarefas, quando o profissional preocupa-se com sua saúde e quando em momentos de descontração os assuntos relacionados ao trabalho não são mencionados. A profissão docente é uma profissão desafiadora, segundo Perrenoud (1993), na medida em que está sempre entre aquelas que trabalham com pessoas. E o professor vive todos esses desafios no seu dia a dia, nas relações com os alunos, nas relações com a comunidade escolar (pais, famílias) e nas relações de parceria com o grupo de apoio da escola.

Para Maslach e Goldeberg (1998, apud CARLOTTO, 2002), os professores, na sua maioria, possuem expectativas de atingir metas um tanto quanto irrealistas algumas vezes, pois pretendem não somente ensinar seus alunos, mas também, ajudá-los a resolver seus problemas pessoais. E, nesse intuito de cuidar, alguns professores, principalmente as mulheres, acabam indo além das suas obrigações, chegando, em algumas situações, a fazer contato com as famílias de seus alunos envolvendo-se nos problemas familiares para tentar ajudá-los. Segundo Barreto (2004), ensinar implica também cuidar, mas é preciso estar atento para não se envolver demais afetivamente e acabar ocorrendo o que se chama “desgaste psicológico”, ou seja, uma frustração muito grande por não conseguir chegar a uma solução do problema.

Cuidar envolve conhecimentos, idéias, valores, atitudes e, essencialmente, afeto. A falta de reconhecimento pelo esforço realizado leva ao desânimo. Com as emoções em desordem {os professores} sentem-se mutilados. Sofrimento e dor se alternam; se mesclam e se revertem. E os professores resistem, negando frequentemente o seu sofrimento como estratégia de resistência. É nesse “terreno minado” que a doença vai sendo tecida nos marcos do conflito razão-emoção, dominação-sujeito, discriminações / desqualificações, necessidade do trabalho e, o cotidiano vai sendo marcado por uma jornada de insatisfações, exigências e desafetos. E o trabalho torna-se, nessas condições, em fonte de sofrimento e de doença. (BARRETO, 2004, p.3)

Para Reinhold (2002), a Síndrome de Burnout começa com pequenos sinais de alerta e, ao serem percebidos, podem levar o professor a uma sensação de quase terror diante da ideia de ter que ir para o seu trabalho. Essa elevada incidência de pequenos sinais de alerta formam um conjunto de estressores psicossociais que vão permeando a atividade cotidiana do professor de forma negativa, chegando ao ponto de que qualquer um desses estressores possa se tornar um fator desencadeador do sintoma depressivo. A partir de leituras, a autora construiu o quadro a seguir que fala sobre alguns dos desencadeadores do Burnout e que podem servir para estudos futuros onde se pesquise com mais aprofundamento cada um desses tópicos.

Quadro 2 - Alguns desencadeadores de progressão da Síndrome de Burnout

➤ A falta de infraestrutura nas escolas, o que resulta em dificuldades de dar uma boa aula (falta de materiais, apoio, segurança, entre outros);
➤ A atuação da família dos alunos na escola (quando essa atuação é num sentido negativo) confrontando o trabalho dos educadores;
➤ A indisciplina dos alunos, a violência física (entre os próprios alunos e algumas vezes até mesmo contra os educadores);
➤ As pressões sociais, pois exigem e cobram que a educação e conseqüentemente que os educadores deem conta de todas as dificuldades do alunado;
➤ As dificuldades de manter-se atualizado, o que reflete nas baixas remunerações que recebe hoje a maioria da classe;
➤ As jornadas semanais extenuantes de 40 a 44 horas semanais, dividindo-se em dois ou mais empregos para conseguir atender às demandas financeiras pessoais e familiares.

Fonte: Leituras realizadas pela autora sobre a Síndrome de Burnout

Esses desencadeadores da SB (Síndrome de Burnout) estão entre os constitutivos do processo de *despersonalização* (perder o sentido da sua relação com o trabalho) pelo qual passa a maioria dos profissionais da área da educação Codo (1999). É preciso reconhecer o limite da ação docente, pois a realidade atual deixa claro que os educadores não têm como dar conta do processo de ensino e de aprendizagem e das demais lacunas (emocionais) que alguns alunos possuem. Para Jesus (1996, p.39), “não há soluções-receitas generalizáveis e, portanto, o desenvolvimento profissional tem que se basear na investigação-ação, na investigação do próprio professor sobre a sua ação concreta”. O mesmo autor refere

ser importante que os professores tenham nas suas formações acadêmicas iniciais uma perspectiva realista da profissão docente, tendo presente os pressupostos positivos e negativos da docência, prevenindo assim um possível choque com a realidade.

Considerando que o ensino básico é composto por uma porcentagem considerável de mulheres na sua força de trabalho, esse estudo aborda também as questões do gênero na docência.

2.4 GÊNERO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Figura 10 - Conceito de Gênero



Fonte: foto folia, 2011.

Ainda são poucos os estudos científicos envolvendo as questões de gênero e a saúde profissional no âmbito educacional. Uma vertente contemporânea de pesquisadores tem se dedicado a esses estudos, visando discuti-los e ampliá-los, porém percebe-se uma caminhada ainda incipiente, com poucos resultados e uma repercussão social bastante limitada, não tendo despontado como uma necessidade emergente na área da pesquisa científica.

O gênero como categoria de análise reporta a um passado distante e histórico que envolve as relações sociais masculinas e femininas. Essa relação dependendo do caráter a ser analisado é complexa e diversificada, contemplando desde lutas por autonomia e liberdade de crescimento por parte do gênero feminino, ao

engajamento da mesma categoria de gênero, em prol de mudanças na sociedade contemporânea.

O conceito de gênero é um dos mais antigos na moderna taxonomia, tendo as suas raízes nos filósofos greco-latinos e na necessidade recuperada e aprofundada durante a Renascença Europeia, de incluir os seres vivos em categorias que permitissem o seu mais fácil reconhecimento e ajudassem a compreender a ordem existente sob o aparente caos da biodiversidade. Money (1955) obteve o crédito sobre a expressão *papel de gênero (gender roler)*. Essa expressão significa todas as evidências que contemplam a representação biológica do homem (masculino) e da mulher (feminino). O papel de gênero é simplificado pela sociedade como “gênero” sem que haja ambiguidade no entendimento desse contexto.

No caso desse estudo, que se refere aos profissionais da área da educação e suas complexidades com relação à saúde, diversos são os fatores de risco aos quais esses profissionais estão expostos, incluindo desde doenças ocupacionais comuns a transtornos mentais de extrema gravidade. Pesquisas na área docente têm apontado um intenso sofrimento psíquico no gênero feminino, independente de a escola ser da rede pública ou privada, pois as pressões, advindas das duplas ou triplas jornadas de trabalho, que fazem parte da realidade da maioria das mulheres dessa categoria profissional, podem ter uma forte influência sobre o seu emocional, causando adoecimentos mais frequentes.

Um dos grandes males da sociedade contemporânea e que atinge homens e mulheres é a ansiedade, porém a mulher nesse quesito leva vantagem, pois admite com mais facilidade o seu estado, tratando o problema com algum tipo de medicamento ou terapia. Uma das defesas da qual a mulher se utiliza para elaborar os estresses causados pela ansiedade é chorar. A lágrima ainda é um enigma para a ciência, pois os seres humanos são os únicos animais que choram de tristeza e de alegria, tornando-se uma válvula de escape da qual as mulheres se beneficiam bem mais do que os homens. Mas, ainda assim, a maioria das mulheres por uma cultura que já nasce com o gênero tem uma tendência a administrar diversas coisas simultaneamente: família, trabalho, casa, atividades dos filhos, academia, estudo, entre muitas outras coisas que fazem parte da sua rotina diária, tornando-se completamente vulneráveis a algum tipo de estressor.

E, nesse sentido, o homem objetivamente limita-se a dar conta das suas principais prioridades, como por exemplo: o trabalho e a família, sem deixar de curtir

um jogo de futebol, a academia ou o encontro com os amigos, alternativas essas de relaxamento e redução da pressão emocional causada pelo estresse profissional. No entanto, muitas vezes apesar dos sintomas percebidos, o homem reage com indiferença a eles, deixando a situação tomar proporções mais comprometedoras, como hipertensão ou outras doenças sintomáticas.

Relacionando gênero, saúde e docência, vários são os fatores que interferem na saúde dos docentes, como justifica o próximo item.

2.5 FATORES QUE INTERFEREM NA SAÚDE DOCENTE

As relações entre o processo de trabalho docente e as condições e fatores que levam o professor ao prejuízo físico e mental serão abordados a seguir com base no estudo de vários autores que permearam as reflexões.

A OIT – Organização Internacional do Trabalho (1984) definiu as condições de trabalho da classe dos educadores, ao reconhecer o lugar importante e central que os mesmos ocupam na sociedade, uma vez que são os educadores os responsáveis pela formação do homem para a vida.

2.5.1 Estresse, escola e saúde docente

Para as autoras Tamayo e Tróccoli (2002), o ambiente de trabalho pode ser fonte de suporte ou de estresse, reduzindo ou aumentando o grau de satisfação, favorecendo ou não o alcance das metas individuais. A probabilidade de doenças físicas ou emocionais depende da existência, ou não, de um equilíbrio entre os fatores de suporte e de estresse.

Nesse sentido, a compreensão por parte do estabelecimento de trabalho, sobre o motivo pelo qual o docente encontra-se em dificuldades é muito relevante, pois o acolhimento nessa hora de fragilidade permite ao profissional se sentir mais tranquilo, podendo assim desenvolver o seu trabalho dentro das suas possibilidades.

A gestão escolar precisa voltar seu olhar para o educador, para suas necessidades, seu aspecto físico, sua organização emocional, autonomia na descentralização do problema, entre outras particularidades que contemplem o *Ser* e o *Fazer* docente, intervindo direta ou indiretamente no trabalho do professor como um todo. Esse vínculo afetivo entre a Instituição e o docente torna-se um fator

preponderante e obrigatório para que o professor possa desempenhar seu trabalho de forma a atingir seus objetivos (CODO, 1999).

A relação entre estresse, escola e saúde docente busca analisar a qualidade de vida no sentido das relações interpessoais, sociais e afetivas, atribuindo ao fator psicológico o comprometimento maior, pois é por meio da desordem emocional que o estresse se instaura no indivíduo, impedindo-o de dar continuidade a sua vida e incapacitando-o para o pleno desenvolvimento do seu ofício laboral.

Mas é no cotidiano da sala de aula que o professor põe à prova sua estrutura emocional para conduzir o processo de ensino e de aprendizagem para gerenciar as situações de estresse que fazem parte do fazer diário de uma escola. Nesse conflito emocional entre o “Fazer” e o “Ser”, aspectos estruturantes da identidade profissional do educador requerem uma atenção maior no sentido da perda maior ou menor do controle sobre o aluno e sobre as situações. O embate cotidiano, o vínculo afetivo emocional com os alunos, exigido pela atividade de ensinar e de aprender, conjuntamente com a realidade do trabalho nas escolas, podem gerar um sofrimento emocional nos professores e esse sofrimento pode se intensificar por diversos fatores paralelos, como a baixa remuneração, a falta de valorização pessoal e profissional, o excesso de carga horária, entre outros.

Todos esses fatores acabam muitas vezes gerando uma crise de identidade nos professores. Antagonicamente falando, a figura do professor tornou-se quase uma utopia, entre o professor “real” que a escola precisa e o professor “ideal” que a sociedade contemporânea exige. Essa problemática da identidade e essa dinâmica de construção e desconstrução docente podem provocar inquietações e sofrimentos e isso demanda um olhar mais aprofundado por parte da instituição escolar que precisa compreender e se ajustar às necessidades dos educadores.

2.5.2 A mulher, o homem, a docência e o contexto escolar

Diferente do início da escola nos séculos passados, quando o magistério era exercido especificamente pelo sexo masculino, hoje, a profissão docente tornou-se mais homogênea com um espaço amplo de trabalho para o sexo feminino. Essa homogeneidade foi determinante para a construção de uma nova identidade docente, pois a representação feminina nesse contexto, até então totalmente masculinizada, trouxe um olhar diferenciado para as questões mais subjetivas e de

ordem emocional do alunado. Compreender os diversos fatores que envolvem o aluno e que conseqüentemente refletem na sua aprendizagem faz parte do contexto escolar da escola atual, pois a demanda de situações familiares e outras de ordem específica de cada aluno interferem diretamente na apreensão do conteúdo das disciplinas e no desenvolvimento cognitivo das crianças e dos adolescentes.

Esse tema vem ao encontro de uma vertente contemporânea que trata da saúde do professor e que merece, por sua relevância, estudos mais aprofundados que possam analisar as situações que contribuem efetivamente para o estresse profissional de homens e mulheres professores, especificamente pensando no cotidiano escolar e nas situações pelas quais eles transitam no seu fazer laboral junto aos alunos, aos colegas, a equipe diretiva e a comunidade escolar.

Passamos no trabalho, ou em função dele, a maior parte do nosso tempo produtivo. Muitas vezes, achamos que o trabalho nos rouba um tempo que poderia ser dedicado a família, perdendo detalhes do crescimento dos nossos filhos, dando pouca atenção aos nossos pais, ou ainda, cuidando pouco dos nossos relacionamentos (CODO, 1999, p.255)

Nesse sentido, corroborando com o pensamento de Codo (1999), Almeida (1998) refere que a mulher por sua feminilidade, fragilidade, afetividade, paciência e doação sempre demonstrou maiores aptidões para a docência, transformando a relação professor/escola/aluno, numa extensão do próprio lar da criança.

Talvez, os fatos não tenham mudado tanto na atualidade, pois mesmo com o passar do tempo e com a profissionalização do educador e apesar de a mulher atuar hoje com grande competência em disciplinas específicas, antes delegadas somente aos homens, percebe-se, no entanto, que na sua essência os valores afetivos com relação ao aluno continuam bastante preservados, no sentido do acolhimento das dificuldades pessoais que os mesmos apresentam.

Segundo a especialista Sâmia Simurro (vice-presidente da Associação Brasileira de Qualidade de Vida – ABQV), “*vida de mulher não é fácil*”, pois precisa dar conta da família, das atividades e ou/situações domésticas, além do emprego. Como resultado de tudo isso elas acabam sendo as maiores vítimas do estresse laboral (estresse causado pelo trabalho).

A autora completa ainda, que o estresse pode ser positivo quando faz do indivíduo alguém mais motivado, mas o problema é quando esse limite é ultrapassado, pois, segundo ela, uma linha tênue separa a adrenalina da agitação

positiva gerada pelo estresse crônico; sendo assim, faz-se necessário ouvir as sinalizações do nosso corpo, pois ele costuma dar sinais claros quando esse limite é ultrapassado. Esse estudo não pretende fazer apologia à mulher que trabalha e pensar na família como um fator causador do estresse (sofrimento emocional), mas sim, compreender os conflitos vividos pela mulher no que tange ao seu fazer laboral e às demandas domésticas (casa, filhos, escola dos filhos, entre outros compromissos cotidianos), pois esses fatores paralelos parecem ter relação com a intensificação do estresse nas mulheres.

Freire (1996) fala sobre situações limites na escola e sobre as atitudes dos homens e das mulheres diante dessa realidade. Refere também que nós (seres humanos) somos diferentes dos outros animais, porque somos capazes de transformar “a vida em existência”. Complementa ainda, que só é possível entender o homem e a mulher a partir do seu fazer histórico, do seu existir como “*fazedores do seu caminho*” e que ao fazê-lo se expõem ou se entregam ao caminho que estão fazendo.

Nessa complexa tentativa de compreensão sobre o que perpassa o olhar do professor (homem e mulher) sobre seu fazer docente e sua compreensão de como deve gerenciar esse fazer docente, percebemos o quanto é frágil, o que separa a realidade do sonho no trabalho em sala de aula. Na verdade, é uma utopia pensar que é possível resolver tudo o que envolve a dificuldade de aprendizagem do aluno. Para isso, o professor precisa estar sempre buscando a superação dos seus próprios limites, além de novas maneiras de despertar o interesse, cada vez maior do aluno para a sua disciplina.

2.5.3 A família e o aluno no contexto escolar

O contexto escolar envolve também a família e a intrínseca responsabilidade da mesma como primeira educadora, pois cabe a ela, o papel de legitimadora das condutas e valores que determinarão o caráter da criança.

Sabe-se que a família desempenha um papel de extrema importância, embora nem sempre todas as intervenções sejam benéficas, principalmente quando se trata de assumir seu papel educativo junto à escola e apoiá-la na educação do aluno. Essa etapa da vida da criança e/ou adolescente deveria ser entendida pelos pais como uma etapa integrada com a escola, mas infelizmente, o que se vê na

maioria das vezes, é a escola tentando educar e os pais algumas vezes a contrariando. A escola perde sua referência quando ao invés de ajudar, os pais acabam desautorizando-a diante do filho. E nesse complexo jogo de enfrentamento entre as duas instâncias de maior referência na vida do aluno, ele se perde da sua responsabilidade e do respeito aos profissionais da escola, tornando-se mais difícil e lento um trabalho educacional formativo.

Considerando o momento atual da escola, o que se percebe é uma realidade cada vez mais preocupante em se tratando de famílias. A organização familiar modificou-se totalmente ao longo dos últimos anos e essa *organização* já não é mais tradicionalmente centrada no pai, na mãe e nos filhos. Hoje, a organização das famílias está baseada numa pirâmide familiar mais complexa, onde existem: “os teus, os meus e os nossos filhos”.

Essa nova ordem, essas novas mudanças na estrutura familiar causam muitas vezes uma desordem emocional na vida da criança e/ou adolescente refletindo diretamente na sua vida escolar. A problemática da família acaba entrando com toda a sua força e magnitude dentro da escola, repercutindo diretamente na aprendizagem do aluno. Os profissionais das escolas são obrigados a fazer verdadeiras sessões de psicoterapia com pais e alunos que levam para a escola todas as suas dificuldades e esperam que todos os seus problemas pessoais e emocionais sejam resolvidos.

Para Nóvoa (1999, p.18):

Os tempos de hoje são mais complexos do que os tempos passados. E mais difíceis. Mas grande parte das crenças fundadoras da profissão docente continua atual. A começar por esse sentimento de que nos compete cuidar das crianças e do seu futuro. Para que isso seja possível, é fundamental que os professores ocupem um espaço mais dinâmico (e menos defensivo) nas mudanças em curso.

Concordo com Nóvoa (1999) quando o autor refere que os tempos de hoje são mais difíceis e complexos exigindo muito mais das escolas e dos professores em termos de compreensão e continência às situações que se apresentam no dia a dia em relação aos alunos e seus familiares, mas discordo quando ele refere que o professor deve ocupar um espaço mais dinâmico e menos defensivo. Nesse sentido, existem questões importantes a serem consideradas a respeito das contradições familiares e à grande responsabilidade que as famílias atribuem às escolas e aos

professores com referência à demanda emocional e cognitiva dos seus filhos. No momento atual, a escola está assumindo uma responsabilidade que vai muito além da função que lhe compete, que seria a de educar.

Percebe-se uma grande inversão de responsabilidades nas relações familiares contemporâneas com relação à escola. A educação, enquanto fenômeno universal contempla diversos componentes formativos, entre os principais estão: a família e a escola; entretanto, as famílias estão deixando de assumir suas responsabilidades e delegando para as escolas praticamente todos os cuidados com os seus filhos.

O comportamento das famílias contemporâneas de descaso e omissões com seus filhos são reproduzidos em sala de aula no comportamento dos alunos, pois quando a escola refere que chamará a família devido a uma conduta indevida por parte do aluno, recebe-se muitas vezes a seguinte resposta: “*pode chamar, ninguém virá mesmo, meus pais não se importam*”.

A complexidade do momento atual das famílias torna desgastante o trabalho escolar, pois há alguns pais que não tem a menor sintonia na educação do filho (a), um permite tudo enquanto o outro, tenta impor o limite. E nesse meio, sem referência de autoridade, o aluno (a) faz as suas próprias escolhas e determina as regras da sua conduta, sobrando para a escola, dar conta desse desequilíbrio familiar e da falta de limites do mesmo.

O estresse das intervenções junto às famílias, visando ao bem-estar do aluno, exige momentos de reflexão intensos e até mesmo enfrentamentos, pois muitas famílias reagem como se a escola fosse inimiga, entrando em verdadeiros embates com os profissionais e tornando as coisas mais difíceis, quando na realidade, a intenção da escola é melhorar a situação que o aluno está sinalizando por meio das suas atitudes e reações em sala de aula.

2.5.4 A Inclusão no contexto escolar

A seguir será tratado o assunto *a inclusão no contexto escolar*, pois as igualdades sociais demandam que as escolas se adaptem a novos paradigmas emergentes como o da inclusão, no sentido de oportunizar a aprendizagem para todos, num convívio democrático dos alunos considerados *especiais* nas escolas regulares.

A política de inclusão de alunos especiais nas escolas regulares está regulamentada no Brasil por meio da Declaração de Salamanca, elaborada pela Conferência Mundial de Educação Especial que ocorreu em 1994. A Declaração afirma que as escolas regulares com orientação inclusiva são: *o meio mais eficaz de combater atitudes discriminatórias*.

Os professores nesse contexto enfrentam um grande desafio, pois em algumas escolas a falta de recursos poderá levar a questionar, de forma mais drástica, o senso de competência dos mesmos. Muitas vezes o professor precisa readequar sua forma de ensinar para que o aluno com necessidades especiais tenha melhor apreensão dos conteúdos. A realidade na escola pode ser muito diferente do que as famílias desejam e esperam em termos de aproveitamento, podendo haver uma defasagem entre o trabalho e a aprendizagem “*como deve ser*” e como “*é possível ser*”.

O professor precisa estar assegurado pedagogicamente pela escola para poder dar conta dessa nova realidade, pois a diversidade do alunado requer um novo olhar e um direcionamento que contemple não só as necessidades dos alunos especiais e dos alunos em geral, mas uma atenção redobrada também com as necessidades do professor. Nessa tarefa não basta atribuir um “novo papel” ao professor, é preciso fornecer-lhe os recursos necessários para pôr em prática suas tentativas, ajudando-o a adquirir os saberes e as habilidades que contribuam para uma atuação docente melhor.

Segundo Jonsson (1994), para que as pessoas com deficiência realmente pudessem ter participação plena e igualdade de oportunidades, seria necessário que não se pensasse tanto em adaptar as pessoas à sociedade e sim adaptar a sociedade às pessoas. Somente a partir do entendimento da necessidade de cada aluno é que o professor poderá construir sua prática, desenvolvendo diferentes formas de ensinar e explorando novos conhecimentos e metodologias que atendam à pluralidade do alunado. Diante disso, a qualificação do professor é emergencial, pois somente alicerçado por cursos de formação ele terá maior segurança na qualidade do trabalho que está sendo desenvolvido.

Garcia (1999) diz que ensinar não é somente uma técnica, ensinar requer um olhar atento para as diversas dimensões do aluno, seja no cognitivo, no emocional ou nas relações familiares. Ensinar implica na revelação de si mesmo e dos outros, na complicada exploração do intelecto, sendo que o recurso mais importante do

professor é ele próprio. No contexto da inclusão, o professor precisa se descobrir a cada dia para poder encontrar novas formas e habilidades de poder ajudar o aluno, pois cada situação é um desafio a ser desvelado e aprendido.

Ensinar, para Freire (1996), exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. A inclusão de alunos especiais nas classes regulares contribui positivamente para a sociedade, ao passo que possibilitou uma melhor convivência, além da troca, aceitação e igualdade entre professores e alunos. Essa diversidade em sala de aula e nos próprios espaços profissionais é que enriquece cada vez mais as pessoas, tornando-as mais humildes e mais humanas, com um olhar mais amoroso ao próximo.

Nas escolas são recebidas crianças especiais com diversos problemas, desde distúrbios emocionais, como também limitações físicas e patologias de ordem psiquiátrica. Algumas dessas doenças e/ou distúrbios acarretam longas ausências da escola, o que torna difícil muitas vezes para a criança desenvolver as habilidades e competências associadas ao desenvolvimento e às aprendizagens.

Há situações que são muito desafiadoras para a escola, principalmente quando cabe a ela “denunciar” uma negação sublimada da família, no sentido da não aceitação do problema da criança. Para isso, é necessário que se construa uma relação de recíproca confiança, de respeito e comunicação entre a família, a escola e o aluno, visando um melhor desenvolvimento do mesmo, pois, caso não haja essa interação, dificilmente as dificuldades conseguirão ser vencidas.

Além disso, para que a escola possa dar conta do aprendizado do aluno especial, ela precisa estar muito bem assessorada por toda a rede de apoio que atende esse aluno. Infelizmente, a aprendizagem fica comprometida e o trabalho da escola e dos professores também, quando não há, por parte da família, essa parceria e os suportes necessários ao atendimento do aluno (psicólogo, psiquiatra, neurologista, fonoaudiólogo, psicopedagogo, entre outros), quando solicitados pela escola. Muitos pais ou responsáveis não querem medicar ou tratar seus filhos, mesmo sabendo da real necessidade dos mesmos. Logo, o aluno vai para a escola sem medicação, nem acompanhamento e na sala de aula demonstra por meio do seu comportamento que não está bem, ficando disperso, alheio, impaciente, agressivo, dificultando muitas vezes para o professor ministrar sua aula, além de privar os demais alunos de conseguirem prestar atenção.

A aceitação por parte da família de que seu filho possui uma limitação e por consequência disso precisa ser assistido de uma forma mais constante e presente, é de forma geral, um fator muito positivo, tanto para o aluno quanto para a escola, pois quando o aluno se sente acolhido, aceito, valorizado e compreendido, a tendência desse aluno é avançar e superar com coragem e tranquilidade suas dificuldades. Mas, quando a família revolta-se e ela própria é a primeira a discriminar e não aceitar o problema da criança e/ou adolescente, o mesmo se sente perdido, sem referência, sem apoio, sem amor e, portanto, fica bem mais complicado de ele mesmo acreditar que poderá se desenvolver e avançar, indo além.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, a pesquisa corresponde a um estudo bibliográfico apoiado na metodologia de análise qualitativa textual, que teve início em leituras flutuantes de diversos artigos pesquisados no site da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Essa análise inicial despertou o desejo de realizar um estudo sobre as situações de estresse profissional de professores, focado na questão do gênero, tendo em vista que no referido *site*, não havia muitos artigos sobre esse assunto.

A abordagem adotada nessa pesquisa foi qualitativa, já que esta metodologia permite fazer uma análise detalhada de um fenômeno em um espaço determinado e possibilita compreender as diferentes visões e realidades dos professores. Thompson (1997) utilizou-se da teoria fundamentada (*grounded theory*) para explicar o fenômeno. Segundo o autor, diferente da prática comum, na teoria fundamentada o fenômeno não é abordado tendo um quadro teórico, como referência e orientação. Parte-se do princípio de que, por meio de procedimentos sistematizados e através dos dados coletados, a teoria surgirá de forma indutiva. Glaser e Strauss (1967) sugerem que o pesquisador não se contente apenas em descrever a questão em estudo, mas que ele se proponha por intermédio de outras fontes de conhecimentos e leituras, a teorizar, categorizar, desencadear e descobrir todo o processo que envolve o fenômeno em estudo e a relação subjetiva com os sujeitos da pesquisa.

No caso da saúde docente, objeto dessa pesquisa, optou-se por uma metodologia interpretativa/reflexiva, visando entender o que sentem os sujeitos entrevistados, utilizando as estratégias sugeridas pelos autores, no sentido de deixar emergir espontaneamente das respostas dos próprios professores as soluções para o problema social que os mesmos vivenciam com relação ao estresse profissional docente. Pelo problema, objetivos e entrevista semiestruturada que orientaram esse processo de investigação, buscou-se suporte nas teorias de autores como: Thompson (1997); Glaser e Strauss (1967); Mynaio (1999); Moraes e Galiuzzi (2007); Weber (1999) que contribuiriam no sentido de favorecer o estudo, propondo novos paradigmas a serem pensados e estudados.

3.1 DELINEAMENTOS DA PESQUISA

3.1.1 Problema

A presente pesquisa emergiu da necessidade de compreender melhor a saúde docente e a relação entre gênero e estresse profissional. Diante disso, surgiu então uma questão relevante a ser estudada: “*Que diferenças poderão existir entre docentes do sexo feminino e masculino no enfrentamento do estresse profissional?*”

3.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

3.2.1 Geral

Analisar a saúde dos professores e o problema do estresse profissional no contexto escolar a partir das diferenças de gêneros.

3.2.2 Específicos

- Identificar as vivências de sofrimento emocional em professores que trabalham com os anos finais do ensino fundamental e com o ensino médio, relacionando-as com o estresse profissional e com as diferenças de gênero;
- Buscar alternativas utilizadas pelos docentes para melhorar a sua qualidade de vida, amenizando as situações cotidianas.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos participantes dessa pesquisa são professores dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio de uma escola da rede privada, situada na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Foi selecionada uma representatividade de cinco (5) professoras do sexo feminino e cinco (5) professores do sexo masculino para responder as questões da entrevista semiestruturada.

A escolha por professores desses níveis de ensino ocorreu por serem os níveis em que se encontram professores de ambos os sexos, diferente da educação

infantil e anos iniciais do ensino fundamental, nos quais os docentes são em sua grande maioria do sexo feminino na referida escola. A pesquisadora entrevistou professores de várias disciplinas e formações acadêmicas. A maior parte dos sujeitos trabalha em mais de uma escola, contemplando escolas particulares e estaduais. Inicialmente, foi feito contato com os professores explicando a pesquisa e o conteúdo da entrevista que seria feita.

Foi claramente aberta, a possibilidade de recusa, caso o docente não se sentisse à vontade para responder às questões. A maioria das entrevistas ocorreu na própria escola e dentro do tempo que os mesmos tinham disponível e outras ocorreram nas residências dos docentes, conforme acessibilidade dos mesmos.

As entrevistas foram gravadas e a duração de cada uma teve relação com o perfil dos docentes e da sua personalidade, sendo que alguns respondiam com mais objetividade, levando em torno de 15 minutos, enquanto que outros chegavam a levar mais de meia (½) hora.

Mynaio (1999, p.54) refere que:

Essas pessoas e esses grupos são sujeitos de uma determinada história a ser investigada, sendo necessária uma construção teórica do objeto de estudo. O campo torna-se um palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos.

Essas intersubjetividades a qual Mynaio (1999) se refere e essa interação entre pesquisador e sujeito é realmente algo percebível, pois a troca de informações e conhecimentos é inerente. Ninguém sai de uma entrevista sem agregar novos conhecimentos e sem se sentir tocado em algum ponto de seu mundo social, emocional ou profissional. Cada sujeito que nos permite conhecê-lo de alguma forma, seja formalmente ou informalmente, nos preenche com seus conhecimentos.

O autor nos desafia a pensar na pesquisa com pessoas, como algo a ser conquistado, de forma a captar cada pensamento, cada sentimento subjetivo e objetivo por meio das falas e dos gestos. A experiência de cada sujeito da pesquisa é uma história real de vida, de formação intelectual, profissional e emocional que se abre aos nossos olhos e que precisa ser vista e analisada de forma a captarmos todos os delineamentos e todas as sutilezas que não se desvelam diante dos nossos olhos e nem se revelam nas palavras ditas.

O pesquisador precisa ter delicadeza e perspicácia, um olhar que vai muito além do que as palavras verbalizam, pois somente assim, ele será capaz de colocar no seu trabalho os verdadeiros sentimentos e valores que o sujeito está transmitindo, de forma objetiva e subjetiva.

Os docentes estudados nessa pesquisa trouxeram elementos que comprovaram no decorrer da entrevista a subjetividade das respostas e a importância desse olhar atento e global do pesquisador para o entrelaçamento das ideias lançadas, valorizando cada pensamento e cada fala, sentindo e entendendo os desejos contidos, não verbalizados, mas, ainda assim, compreendidos.

O quadro a seguir foi organizado por meio da entrevista semiestruturada que ofereceu todas as informações etnográficas dos sujeitos. De um modo geral, as pesquisas de cunho qualitativo exigem esse tipo de entrevista e esse tipo de quadro para que se possa usufruir de uma sistemática mais organizada. A forma como se organizaram as escolhas dos sujeitos e também, as questões da entrevista são primordiais, pois a qualidade das informações é que darão a relevância da pesquisa.

Segundo Weber (1999), a organização burocrática é algo indispensável, sendo que a utilização de um instrumento de adequação é sempre um meio necessário para se chegar a um fim importante.

Quadro 3 - Características dos professores sujeitos da pesquisa

Docente	Gên.	Disciplina	Idade	Est. Civ.	Formação Acad.	Níveis de Ensino	Horas Trab.	Tempo Profis.
PA1	Fem.	Mat.	44	Separada	Doutoranda	E. Médio	20h	27 anos
PA2	Fem.	Port./Esp	43	Separada	Graduada	EF e EM	22h	14 anos
PA3	Fem.	Port./Liter	58	Casada	Especialista	EF e EM	26h	38 anos
PA4	Fem.	Química	34	Casada	Doutoranda	EF e EM	34h	10 anos
PA5	Fem.	Mat.	39	Casada	Especialista	EF e EM	12h	15 anos
PO6	Masc.	Filosofia	42	Casado	Mestre	EF	8h	15 anos
PO7	Masc.	Mat.	24	Solteiro	Graduado	EM	14h	2 anos
PO8	Masc.	Educ.Fís.	28	Casado	Especialista	EF	10h	7 anos
PO9	Masc.	Física	30	Casado	Mestre	EM	22h	4 anos
PO10	Masc.	Filo/Teol.	48	Casado	Graduado	EF e EM	13h	18 anos

Fonte: Respostas da entrevista com os professores sujeitos da pesquisa 2010/2011.

3.4 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Para a coleta dos dados foi utilizado como instrumento, uma entrevista semiestruturada por ser um instrumento que permite uma liberdade maior nas respostas e também abre a possibilidade de dados extras que complementam e enriquecem os questionamentos. As questões da entrevista foram elaboradas a partir da relevância do tema, buscando responder às inquietudes que suscitaram essa pesquisa, no sentido de contribuir com estudos futuros sobre a saúde do professor e o estresse como uma das causas do mal-estar docente (Apêndice A).

Com a análise interpretativa do instrumento de pesquisa (entrevista semiestruturada), buscou-se compreender os diferentes significados expressos por intermédio de fonte informativa verbal e de fonte informativa não-verbal dos professores que participaram da pesquisa. Quando se fala em linguagem não-verbal, significa considerar todas as formas de comunicação observadas, seja pela linguagem corporal ou pelas variáveis de comportamento aceitas para explicar o fenômeno.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise da entrevista foi realizada com base na Análise Textual Discursiva, conforme proposto na teoria de Moraes e Galiazzi (2007) e coerente com a proposta metodológica assumida nesse projeto. Segundo os autores, a análise textual discursiva pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção e de compreensão em que essa emerge, a partir de uma sequência recursiva de três componentes: a desconstrução dos textos do “corpus”, a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; e o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada.

As pesquisas qualitativas são cada vez mais alicerçadas na análise discursiva, seja partindo-se de textos já existentes ou a partir de análise de entrevistas e observações na intenção de compreender e aprofundar os fenômenos que investiga. Esse tipo de análise tem se mostrado eficiente nos estudos em que as abordagens de análises exigem encaminhamentos que se localizam entre soluções propostas pela *análise de conteúdo* e por essa sua característica de desestabilizar e

adaptar o texto, o que torna essa análise relevante para uma compreensão mais aprofundada e criativa do material analisado.

4 RESULTADOS ENCONTRADOS

Na continuidade do trabalho, apresenta-se uma análise dos resultados encontrados inicialmente e de como a pesquisa se encaminhou, tornando o leitor participante, vivenciando genuinamente a caminhada, com as incertezas e alegrias que permearam esse longo processo.

A pesquisa com pessoas é sempre muito envolvente, pois nos introduz em diferentes realidades e perspectivas de estudo que definem muitas vezes uma nova forma de vermos o mundo e as pessoas. A realização desse trabalho teve como contribuição socioeducativa conhecer o ofício laboral dos professores de várias áreas da educação, com diferentes olhares e abordagens teóricas no que se refere à prática educativa e, principalmente, problematizar a questão da saúde docente, relacionando gêneros e estresse profissional.

A partir daqui, apresenta-se uma narrativa de como ocorreu a pesquisa, assim como as entrevistas, relatando as falas dos dez sujeitos entrevistados, cinco (5) mulheres representadas pela letra PA e cinco (5) homens representados pela letra PO com numeração de 1 a 10, começando pelas mulheres. O grupo docente é de uma escola da rede particular de ensino, situada na zona urbana de Porto Alegre, contemplando todos os níveis do ensino básico (da educação infantil ao ensino médio) com quatrocentos (400) alunos no total e 30 professores.

A escolha da escola deveu-se ao fato de que a pesquisadora é Orientadora Educacional na escola, o que facilitou os agendamentos das entrevistas e a colaboração da escola nesse trabalho de pesquisa. Ainda assim, apesar de os profissionais trabalharem na escola, uma das dificuldades sentidas foi na questão do gerenciamento do tempo para que o profissional pudesse participar da gravação da entrevista. A pesquisadora aproveitou os intervalos de recreio para conversar com 7 (sete) dos professores na própria escola e 3 (três) foram entrevistados em suas residências.

Primeiramente, foi feito um convite aos professores a fim de saber quem estaria disposto a responder as questões da entrevista (Apêndice A), que seriam gravadas, depois transcritas e inseridas no contexto da dissertação. Todos os professores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) mostrando-se compreensivos e até mesmo contentes com o convite. Responderam às perguntas com muita riqueza de detalhes, contribuindo dessa forma para um

trabalho de parceria e socialização de conhecimentos entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa.

Já o momento da análise, ao mesmo tempo, que é gratificante por nos darmos conta do trajeto percorrido, também é angustiante e solitário por sentirmos que estamos no momento conclusivo da pesquisa e temos que dar conta de uma complexa rede de relações com autores, além de conhecimentos que nos deem suporte teórico científico para uma análise bem fundamentada.

Ao finalizar a transcrição das entrevistas, a pesquisadora começou a pensar sobre as categorias a serem analisadas e refletidas. Reportou-se então, ao momento das entrevistas e aos questionamentos feitos aos sujeitos tornando a pesquisa fidedigna ao pretendido desde o momento inicial desse trabalho.

As narrativas das trajetórias acadêmicas e profissionais dos sujeitos da pesquisa serão contextualizadas no decorrer da análise, com as teorias dos autores citados no referencial teórico que darão o cunho científico às questões que emergiram como mais relevantes a serem discutidas e apresentadas como categorias.

Para compreender melhor o que significa esse tipo de análise, os autores Moraes e Galiazzi (2007) sugerem começar pela separação do texto em unidades de significado (*unitarização*) facilitando dessa forma a interpretação das mesmas, à luz de teorias que possam fazer a interlocução entre o pensamento do pesquisador e o pensamento (fala) do sujeito entrevistado. A partir disso, o pesquisador (a) pode partir para a composição das categorias propriamente ditas e que servirão de norte para outras sub-categorias que possam emergir em detrimento das principais.

Não há na Análise Textual Discursiva uma mágica pronta, faz-se necessário compreendê-la, ajustando-a na construção do seu próprio caminho investigativo. Por ser aberta, mas com técnicas definidas que guiam a caminhada é possível um “ir” e “vir” dentro da análise, favorecendo com isso a construção de novos pensamentos e de novas teorias.

Quadro 4 - Categorias emergentes encontradas

Categoria 1	Categoria 2	Categoria 3	Categoria 4	Categoria 5	Categoria 6
Formação e aperfeiçoamento docente.	Pontos positivos da profissão docente.	Dificuldades encontradas no desenvolvimento da docência.	Situações de estresse docente e estratégias de coping.	Escola e saúde docente.	Diferença dos gêneros docentes na elaboração do estresse profissional.

Fonte: Entrevista semi-estruturada 2010/2011.

4.1 ANALISANDO AS CATEGORIAS

A análise das categorias teve como ponto estratégico o vínculo entre as falas dos sujeitos, as contribuições dos teóricos e as reflexões da autora a partir desse entrelaçamento de ideias. Os autores que contribuíram com esse capítulo foram: Garcia (1999); Ferry (1991); Codo (1999); Antunes (2008); Barreto (2004); Piaget (1976, 1981); Santos, Antunes e Bernardi (2008); Nóvoa (1999); Gusdorg (1970); Fiorentini e Miorim (1996); Portal (2004); Rossi (1992); Fontana (1991); Tamayo e Tróccoli (2002); Freire (1996); Lipp (2000); Perrenoud (1993); Jesus (2007).

4.1.1 Formação e aperfeiçoamento docente

O conceito “Formação” na área da educação pode ter múltiplas perspectivas. Segundo Garcia (1999, p.19), “a maioria associa esse conceito ao desenvolvimento pessoal”. Do ponto de vista de Ferry (1991, p.43), “formar-se nada mais é, senão um trabalho sobre si mesmo, livremente imaginado, desejado e procurado, realizado através de meios que são oferecidos ou que o próprio sujeito procura”. Ainda, segundo esse autor, a formação significa “um processo de desenvolvimento individual destinado a adquirir ou aperfeiçoar capacidades”.

Ao responder à pergunta sobre sua formação e trajetória acadêmica, percebeu-se que os professores entrevistados sentiam bastante orgulho das suas conquistas, no sentido da formação acadêmica e da formação continuada, deixando

transparecer no olhar e nas suas falas o sentimento de satisfação com suas qualificações e aperfeiçoamentos.

Sabemos por meio da história que a formação para a docência sempre foi um privilégio das elites e as principais formações nas escolas tradicionais de épocas passadas, era basicamente em Filosofia, Teologia, Direito e Engenharias. Hoje, no entanto, as formações são de genéricas escolhas, existindo cursos de curta e longa duração, graduações regulares (4 a 5 anos) e graduações tecnológicas (2 a 3 anos) possibilitando e facilitando a entrada de todos no mundo acadêmico, seja através de instituições privadas ou instituições públicas.

Quanto aos professores, sujeitos da pesquisa, 3 (três) dos entrevistados são apenas graduados (português, matemática e filosofia), 3 (três) são especialistas (português/literatura, matemática e educação física) 2 (dois) são mestres (física e filosofia) e 2 (dois) são doutorandos (química e matemática). Com base nessa pequena representatividade, é possível concluir que grande parte dos professores busca se qualificar e se aperfeiçoar, independente do curso, como refere a docente PA1:

“Sempre me preocupei em como construir a ponte para que o meu conhecimento fosse transformado em conhecimento matemático para que o meu aluno realmente pudesse entender o conteúdo. No doutorado a minha pesquisa não é especificamente com a questão da matemática, o foco é o comprometimento do aluno com a sua aprendizagem, porque eu acredito que o aluno é protagonista da sua aprendizagem, e se o aluno quer aprender, ele vai fazer o máximo para aprender” (Docente PA1).

Na formação para a docência, assim como em qualquer outra formação, é necessário que o conhecimento teórico científico e o domínio das técnicas que darão suporte e competência a quem desempenhará a função sejam assegurados pelas universidades, de forma que os futuros profissionais concluam os cursos com todas as habilidades e competências necessárias para o bom desempenho da profissão escolhida. O docente PO6 fala sobre a sua formação em filosofia e do quanto é importante entender o funcionamento do pensamento humano para poder evoluir:

“A filosofia faz parte da minha vida em relação ao próprio gosto do pensar. Desde o início dos meus estudos eu ficava admirado quando nós conseguimos evoluir no sentido da abstração e a Filosofia foi entrando em tudo. Eu sempre gostei muito de escrever e questionar as coisas, então isso foi aos poucos fazendo com que eu me interessasse e evoluísse até o mestrado” (Docente PO6).

Com base nas falas dos professores, é possível perceber que, além da preocupação com a socialização do aluno mediado por uma formação mais ampla, o docente também se preocupa com a sua própria socialização, buscando cursos que lhe permitam a compreensão das diversas áreas do conhecimento, apropriando-se de áreas que possam dar-lhe um aporte maior, tornando dessa forma seu trabalho diferenciado. O gosto por estudar e manter-se atualizado é uma característica marcante dos profissionais da área da educação, como comprova o relato da docente PA3:

“Eu sempre gostei muito de estudar, todos os Congressos, todos os cursos, ou coisas assim, que eu pudesse pagar, eu fazia. Sempre procurei me aprimorar bastante e as especializações (4) elas vieram muito para tentar entender a sala de aula, para entender aquele aluno que estava na minha frente. Eu sempre me preocupei com a questão da aprendizagem e queria entender os processos do cérebro na aprendizagem do componente, então eu fui fazer uma disciplina que era ministrada por uma neurologista (duração de um semestre). Até hoje, quando eu tenho um aluno com algum problema na aprendizagem, eu tento entender como é que ele aprende para poder intervir nessa aprendizagem de alguma forma. Às vezes até busco ajuda de outros profissionais, pergunto, leio, compro livros á respeito, estudo muito. Vejo que a minha formação acadêmica seguiu um passo normal, mas a extra-acadêmica não para nunca” (Docente PA3).

Nesse sentido Garcia (1999, p.26) refere que:

A Formação de professores é a área de conhecimentos, investigação e de propostas teóricas e práticas que, no âmbito da Didática e da Organização Escolar, estuda os processos através dos quais os professores – em formação ou em exercício - se implicam individualmente ou em equipe, em experiências de aprendizagem através das quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem.

É sem dúvida em razão de toda essa apropriação de conhecimentos práticos e teóricos que o professor se inova e renova, tornando-se um profissional com competências e destrezas que lhe permitem orientar e guiar seus alunos, tomando decisões que sejam de caráter formativo educacional, social e humano.

A maioria dos professores entrevistados demonstrou preocupar-se com a questão da aprendizagem do aluno, e com o seu próprio crescimento intelectual, mantendo-se sempre atualizado:

“A minha pesquisa no doutorado é na parte da alfabetização científica: como é que o aluno aprende, como é que o meu aluno consegue transformar toda essa simbologia da química, como é que ele consegue aprender e entender esses símbolos. É uma nova leitura” (Docente PA4).

“Juntamente com a minha graduação acadêmica também fiz cursos para aperfeiçoamento da língua espanhola, foi concomitante, fazia a faculdade durante o dia e a noite eu ainda fazia o curso de espanhol. Eu consegui terminar o curso de espanhol quando terminei a graduação, então saí pronta para dar aula” (Docente PA2).

Os professores fazem parte de um dos mais importantes grupos ocupacionais. A partir deles, são responsáveis pela formação de todo e qualquer profissional. O ensino constitui a forma mais real e concreta de socialização e de formação do homem.

Conforme documento da UNESCO, os professores são a categoria profissional mais homogênea quanto ao nível de escolaridade, constituindo-se como uma categoria organizada, legal e corporativa, com estatuto próprio, reconhecido socialmente. Ainda, segundo o mesmo documento, os docentes mais jovens estão na educação infantil (41% com até 29 anos de idade), no ensino fundamental é mais equilibrada a faixa etária, enquanto que no ensino médio prevalecem docentes com mais de 30 anos (80,7%), cerca de 30% deles com 46 anos ou mais. A faixa etária dos docentes contribui para entender melhor o seu perfil de escolaridade mais avançada.

4.1.2 Pontos positivos da profissão docente

Quando questionados sobre os pontos positivos da profissão os professores prontamente referiram a satisfação que o trabalho com os alunos lhes dá. A afetividade e a relação de parceria apareceram como pontos muito relevantes para o desenvolvimento de um trabalho saudável, permeado pelo respeito e pela socialização de conhecimentos entre professor/aluno.

Educar e ensinar envolve muito mais do que o conhecimento de uma área, significa acima de tudo *“o modificar a si mesmo e o modificar o outro”* (CODO, 1999, p.45).

“O retorno que a gente recebe dos alunos quando se consegue ter com eles uma empatia para mim é o mais gratificante. Quando a gente consegue atingi-los no coração nos sentimentos deles, na vida deles, isso é muito importante, pois nos modifica e também os modifica” (Docente PO10).

A tarefa do professor é complexa, pois trabalha com a formação de pessoas e para isso é preciso gostar do que faz:

“É preciso gostar de ensinar, pois aquele professor que gosta, vai encontrar realização em cada aprendizagem do seu aluno, cada avanço que ele tem no seu conhecimento vai ser significativo para que o professor se sinta feliz. Ver que a gente consegue fazer a diferença, na construção do conhecimento do aluno, é algo muito positivo dentro da profissão, sem contar que cada dia que passa a gente aprende muito com eles” (Docente PA3).

Toda a ação educativa deve sempre perseguir um objetivo essencial, um determinado sonho, que abomina a neutralidade ou a indiferença por parte de quem educa. Isso não significa que o professor deve impor ao aluno sua opção, antes despertando o aluno para suas próprias e autênticas opções e seus sonhos (ANTUNES, 2008, p.182).

A relação entre professor e aluno é uma relação direta, permeada pelo afeto e esse sentimento é o componente tácito para um trabalho significativo.

Para Codo (1999), esse investimento emocional do professor é o que torna a relação mais significativa e profunda, pois representa o reconhecimento de si mesmo enquanto parte subjetiva da formação do aluno. O professor precisa reconhecer um pouco dele no aluno, na sua alegria, no seu pensar, nos seus objetivos de vida, assim entende que conseguiu realizar o seu trabalho.

“O crescimento do aluno, a visão do crescimento do aluno que eu consigo perceber, e o meu crescimento, a minha interação com eles em virtude do crescimento deles, acho que para mim seria esse o ponto fundamental de todo o processo educativo” (Docente PA2).

A atividade de educar

[...] exige do educador o estabelecimento de um vínculo afetivo e emocional com o objeto do seu trabalho: o aluno. A realização desse afeto é interdita na medida em que a “interferência” do educador sobre o educando nunca pode ser completa, instalando-se a possibilidade inquietante (maior que em outras profissões), de perda do controle sobre o produto, e, por essa via, de dúvidas sobre a sua competência profissional. (CODO, 1999, p.61).

A partir dos depoimentos dos professores é possível perceber que o trabalho docente está longe de ser uma atividade que compreenda apenas o cumprimento de um ofício laboral de caráter Taylor-Fordista (consolidado apenas no capitalismo).

Quem pensar dessa maneira deverá ficar longe do magistério, pois para os profissionais da área da educação, além de instrução, “educar” significa também afeto, carinho e cuidado. Para Barreto (2004) cuidar envolve conhecimentos, valores, atitudes e, essencialmente, afeto.

Para os professores entrevistados, o trabalho diário com alunos é sempre um desafio, pois requer doação, carinho, compreensão, e especialmente, muita paciência e resiliência, além de uma grande capacidade de trabalhar com o inesperado, pois um dia nunca é igual o outro como refere a docente PA4 na sua fala:

“Cada aluno trás uma história de vida diferente e tu tens que estar atento para essa história, então o teu trabalho nunca é o mesmo. Eu tenho um planejamento base, mas nesses 10 anos de profissão, eu nunca entrei na sala de aula e fiz a mesma coisa, todos os dias eu tenho que me renovar”!. (Docente PA4).

Independente da disciplina ministrada, o caráter afetivo na relação entre professor e aluno é inerente para um processo produtivo do aluno nos seus estudos.

“A relação com os alunos que tu estabelece com o movimento corporal é muito interessante, eles estão muito mais perto, muito mais acessíveis, a aula se torna mais dinâmica, não precisa estar sentado numa classe, confinado ao quadro. Inclusive, foi o dinamismo da profissão uma das coisas que me fez escolher educação física. A aula é isso aí também, ela é dinâmica, muito abrangente, então fica gostosa” (Docente PO8).

Sabe-se que o objetivo real do professor é a aprendizagem do aluno, porém, para que isso ocorra, vários fatores estão envolvidos, como a capacidade física, intelectual e a vontade de aprender por parte do mesmo, além da competência para ensinar por parte do professor. Mas, para Codo (1999), a afetividade funciona como o grande catalisador em todo esse processo de aprendizagem.

“Qual é o trabalho que te responde com afeto? Onde mais o objeto do teu trabalho interage contigo e se relaciona contigo? Isso para mim são as coisas mais significativas que existe dentro do magistério” (Docente PA3).

A aprendizagem está interligada ao vínculo afetivo que se estabelece com o professor. Se o aluno se sentir valorizado, com liberdade para solicitar esclarecimentos e o professor tiver tranquilidade e sensibilidade para entender as dificuldades que incomodam o aluno, haverá uma ponte entre os dois e isso propiciará uma apreensão significativa do conteúdo, facilitando o equilíbrio, a assimilação e a acomodação da aprendizagem por parte do mesmo.

Segundo Piaget (1976), a aprendizagem só se tornará significativa quando esses três componentes estiverem envolvidos. Diante do exposto, é possível entender o quanto o ambiente escolar configura-se como um dos cenários sociais mais representativos na formação emocional e social do aluno, conjuntamente com a família.

Santos, Antunes e Bernardi (2008, p.47), inferem que:

Esse indivíduo professor, não distante das influências familiares e sociais carregadas por toda uma vida, resgata, indubitavelmente, o concreto dos espaços por ele próprio vivenciados; ser educador revela o ser humano em todas as suas construções e ações, configurando seus saberes.

O trabalho docente pode ser analisado sob duas esferas: uma objetiva e a outra subjetiva, de forma que, além do conhecimento propriamente dito que deve ser ensinado, o professor precisa também orientar para a vida, no sentido de mostrar a realidade aos alunos dentro de valores éticos e morais.

O tempo de convívio dos professores em sala de aula com os alunos é de algumas horas apenas, mas independente disso, precisa ter consistência, trabalhando os conteúdos por meio de exemplos concretos que contribuam para ajudá-los nos enfrentamentos da vida cotidiana.

“Minha experiência maior é com o ensino médio e eu gosto de trabalhar com esse nível de ensino, embora eles sejam um pouco “efervescer” nessa idade, sendo difícil fazer eles se acalmarem. Tem seus altos e baixos e às vezes é complicado, mas eu gosto demais de trabalhar com eles”
(Docente PO9).

Todos os depoimentos dos sujeitos entrevistados permitem perceber o quanto é importante que o professor seja trabalhado na sua motivação com relação ao aluno e com relação a si próprio na sua relação de confiança com seu aluno na sala de aula, pois esse aluno, por vezes, passa mais tempo com seus professores (as) do que com sua mãe ou seu pai.

Mas não é só o aluno que precisa desse acolhimento, os docentes também sentem necessidade de afeto, reconhecimento, troca de informações e relação de respeito com o aluno. E para que essas trocas ocorram é preciso que as duas partes revelem-se uma para a outra, de forma a criar um vínculo e assim ter mais liberdade de poder verbalizar situações que incomodam.

“Os desafios devido a você ter diversas realidades dentro de uma sala de aula que não dependem somente da sua formação ou do seu cognitivo, mas também do próprio comportamento do aluno com todas as influências que ele sofre do meio, isso faz com que a gente pense além da formação básica que nos é requisitada” (Docente PO6).

Em contraponto a essa relação inerente de afeto entre professor/aluno, Nóvoa (1999) preocupa-se com o sentimento que os profissionais da educação nutrem, de que, em nome do afeto, lhes competem também as responsabilidades de cuidar dos alunos e do seu futuro. Segundo ele, vivemos tempos muito difíceis e complexos, com famílias pouco comprometidas e alunos com grandes problemas emocionais relacionados a essas demandas familiares, e devido às carências e ausências advindas dos pais, os professores acabam assumindo esses papéis.

Nesse sentido, Codo (1999, p.49) complementa: “O trabalho de educar tem tudo para ser o melhor e ao mesmo tempo é um tipo de trabalho dos mais delicados em termos psicológicos”.

Corroboro com os autores, relacionando a minha experiência como Orientadora Educacional do ensino básico, pois precisamos às vezes ser totalmente profissionais, para não nos deixarmos envolver afetivamente com as situações emocionais dos alunos, porque os pais nos procuram e justificam as faltas, as notas e o pouco estudo dos seus filhos com as suas situações familiares.

Para entender o trabalho dos profissionais da educação nessa dimensão real, faz-se necessário estar inserido no contexto educativo, vivenciando o dia a dia nas escolas e a complexidade dessas inter-relações que merecem maiores estudos e olhares cuidadosos sobre o cenário contemporâneo nas escolas.

4.1.3 Dificuldades encontradas no desenvolvimento da docência

A reflexão sobre essa categoria ampara-se em Codo (1999, p.44), o autor refere que:

Toda ação humana é potencialmente geradora de significados, potencialmente transcendente, mas apenas alguns gestos têm a sorte de fazer “História”, reservando seu lugar no futuro. A menos que você seja um/a professor/a, neste caso cada palavra dita, cada movimento do olhar tem seu lugar reservado no futuro do outro, do país, do mundo. Por bem e por mal.

Relaciona-se a seguir com uma fala de um entrevistado:

“É maravilhosa essa troca. Os alunos ficam nas tuas lembranças, no teu carinho, na maneira quando tu te deparas com eles profissionais, o reconhecimento pelo que representamos na vida futura deles. Professora! Quero que tu venhas ao lançamento do meu livro, tu despertaste a minha paixão por ler e escrever” (Docente PA3).

Todo professor tem nas mãos o privilégio de ficar na história e na memória de cada aluno que passa por ele. Dentre todas as recordações que marcam a vida das pessoas, uma das mais significativas são os momentos inesquecíveis que a pessoa passou na escola e as lembranças marcantes que ficam de alguns professores.

Em contraponto, infelizmente, alguns aspectos da docência hoje talvez não tornem mais esse fazer laboral tão realizador e gratificante para os professores como era em tempos passados, conforme referem os docentes PO9 e PA4:

“Um aspecto que eu considero complicado no trabalho docente com relação aos alunos é que eles cada vez se empenham menos nos estudos. O professor quer fazer uma atividade diferente, mas eles estão sempre acomodados, cansados, não estão a fim de saber de nada. Eu até entendo que faz parte da idade, mas está cada vez mais difícil o domínio da turma, o professor se desgasta cada vez mais e as aulas rendem cada vez menos” (Docente PO9).

Nóvoa (1999, p.18) nos desafia a pensar, quando diz que: “Os tempos de hoje são mais complexos, do que os tempos passados. E mais difíceis”.

“Uma questão que eu acho bem ruim é a falta de limites. Percebo que os alunos estão cada vez mais imaturos e o espaço da sala de aula está servindo para outras manifestações, fazendo com que o professor perca muito tempo contornando as situações” (Docente PA4).

Sempre se ouviu falar que antigamente a educação era baseada no respeito. Os filhos jamais levantavam a voz para seus pais, para os mais velhos e para os professores. Os professores eram considerados os mestres e gozavam de grande autoridade no cumprimento da sua função educativa que era inquestionável. Atualmente, percebe-se que nem pais, nem professores são mais dignos de respeito por parte das crianças e dos adolescentes, o enfrentamento que existe chegou ao limiar da falta total de limites.

Na experiência como Orientadora Educacional, ouvimos pais que pedem ajuda para a escola, devido ao seu filho estar lhe agredindo fisicamente. Os filhos se drogam e os pais são obrigados a se calar e aceitar, pois temem os mesmos, numa total inversão de hierarquia. O respeito está se deteriorando, alunos gritam, enfrentam, inibem e se impõem com os educadores. Os aparelhos eletrônicos tomaram conta das salas de aula (o fone de ouvido e o celular fazem parte do “*material escolar*”). Vivem num mundo a parte, muitas vezes autorizados pelas famílias. Quando a escola impõe limites, os pais questionam em nome dos seus filhos, ao mesmo tempo, que pedem socorro quando não conseguem mais dar conta das situações em casa.

A docente PA3 traduz, nas palavras de Nóvoa (1999), sua vivência com os alunos:

“Eu acho que as nossas maiores dificuldades são lidar com as nossas próprias limitações e entender que por mais apaixonante e apaixonado que tu sejas pela educação e pelo teu trabalho, tu não consegues muitas vezes dar conta de coisas que vão além da aprendizagem. Aí, tu te dás conta que tu não podes interferir, então quando tu sentes o teu limite de professor na formação de uma criança, além de ser um desafio muito grande, é sempre uma coisa que te põe frente ao teu limite” (Docente PA3).

Segundo Gusdorf (1970, p.10):

Todos os tipos de relações são privilegiados: dos filhos com os pais, entre irmãos, as relações de amor e as relações de amizade. Mas a relação entre discípulo e mestre é singular, no sentido da vida orientada, não apenas na atividade profissional, mas na descoberta das certezas fundamentais.

Essa relação, em verdade, faz com que o aluno se confronte com suas decisões de vida, com suas escolhas, com o mundo da exigência e da imparcialidade, em que é preciso participar ativamente para exercer o seu papel na sociedade e no mundo. Para esse autor, a história de um homem afirma-se no

tempo como a lenta formação e re formação da personalidade, sua história resume-se, ao fim, na experiência, no que ele faz da sua vida e daquilo que nela está em jogo (GUSDORF, 1970).

O educador, nesse contexto, tem uma grande responsabilidade, a de preparar os alunos para a vida em sociedade. A própria aquisição do saber e a tomada de consciência dos valores essenciais da vida, representam a construção da sua personalidade, do seu caráter e da sua sensibilidade. É na verdade aí que se encontra o desafio maior da educação em conseguir dar um norte, assegurando a esses indivíduos uma chance de ascender no seu futuro, independente de quaisquer outras dificuldades.

A docente PA1 refere que outra dificuldade no desenvolvimento de um trabalho de qualidade é o fato de os alunos demonstrarem pouco interesse em trazer os materiais solicitados. Sendo que dessa forma alguns não se concentram e acabam dispersando a turma e atrapalhando o professor e o bom andamento da aula:

“As dificuldades que eu encontro é com o comportamento dos alunos e com o fato de que não trazem os materiais, tornando difícil para o professor desenvolver um bom trabalho” (Docente PA1).

“Outra questão que considero complicada é ensinar matemática para o Ensino Médio, porque eu trabalho matemática construindo os conceitos e contextualizando com as vivências e conhecimentos dos alunos. E os alunos não estão acostumados a pensar” (Docente PA1).

A matemática, assim como a física e a química são componentes que envolvem o desenvolvimento de capacidade de raciocínio e habilidades necessárias a um pensamento mais lógico e mais técnico, de modo a conseguir abstrair o conhecimento a partir das explicações do professor ou da própria compreensão do fenômeno por parte do aluno, significando um grande desafio para quem aprende e para quem ensina.

“Minha maior dificuldade no trabalho com os alunos é que eu sou muito jovem e extrovertido, então às vezes transparece pouca seriedade nas coisas que eu falo e nas coisas que eu faço, justamente por causa desse meu jeito de ser. Isso é uma coisa que me atrapalha um pouco. Eu procuro falar a linguagem deles, brinco um pouco mais, procuro descontrair a aula, trago algumas coisas da internet para tornar a aula mais atrativa, principalmente por ser matemática, mas não dá. Então eu deixo de ser

como eu gosto de ser, porque os alunos acabam confundindo um pouco às coisas” (Docente PO7).

O professor é o mediador entre o ensinar e o aprender sistematizado, oportunizando a apreensão do saber pelo aluno, vinculando esse saber as suas vivências, dando assim um sentido mais real e usual ao que o aluno está aprendendo. É necessário para isso problematizar os conteúdos e contextualizá-los usando técnicas diferenciadas, no pressuposto de que cada aluno aprende de forma diferente, dentro de um conceito estruturado e conforme a sua capacidade de compreensão. Como qualquer outra disciplina, também as exatas envolvem a expressão, a imaginação, a criatividade, pois quanto mais se encaminhar para uma leitura que envolve o lúdico e a reflexão, maiores serão as possibilidades de os alunos estabelecerem as relações que facilitam a produção e a consolidação do seu conhecimento.

Segundo Fiorentini e Miorim (1996) Rousseau no séc. XVIII (1727 – 1778), ao considerar a Educação como um processo natural do desenvolvimento da criança, ao valorizar o jogo, o trabalho manual, a experiência direta das coisas, seria o precursor de uma nova concepção de escola. Uma escola que passa a valorizar os aspectos biológicos e psicológicos do aluno em desenvolvimento: o sentimento, o interesse, a espontaneidade, a criatividade e o processo de aprendizagem, às vezes priorizando esses em detrimento da aprendizagem dos conteúdos.

A aprendizagem é uma aventura criadora, ilimitada, com possibilidades de construir, reconstruir e transformar, mas para fazer parte dessa aventura é preciso estar aberto para práticas inovadoras. Vivemos em tempos de alunos questionadores que não aceitam mais respostas prontas e exercícios saturados e desconectados da realidade. A prática educativa contemporânea exige reciclagens constantes por parte dos educadores para dar conta das novas demandas e exigências das novas gerações.

“Vejo que existe uma grande dificuldade na minha área, que é a química, por ser um componente curricular que precisa ter muito estudo, muita atenção e nem sempre os adolescentes tem uma pré-disposição para isso, então é preciso fazer um trabalho todo diferenciado para que eles possam se aventurar nessa aprendizagem. Sinto que existem resistências por parte de alguns e existe uma grande vontade de aprender por parte de outros, que não conseguem muitas vezes, e aí é preciso buscar novas estratégias de ensinar, para que eles não fiquem desmotivados frente aquilo que se está trabalhando” (Docente PA4).

Nas palavras da Docente PA4, é possível sentir o quanto o professor precisa estar muito à frente do seu tempo, buscando novas estratégias e novas formas de motivar seus alunos para que não percam o interesse pela disciplina. E para isso, o melhor ponto de partida é entender-se como um ser humano incompleto em permanente movimento de busca e curiosidade pelas coisas do mundo.

Mas não são apenas as disciplinas das exatas que causam mal-estar e questionamentos por parte de alunos e famílias, outras disciplinas sofrem as mesmas dificuldades, cada uma dentro de suas exigências e rigor científico, conforme relatadas a seguir pelos docentes PO6, PO8 e PA2.

Ainda gera polêmica a disciplina de educação religiosa e a pergunta é: o que ensinar e como ensinar, que desperte o interesse dos alunos?

“A minha grande dificuldade como professor de Ensino Religioso é com a dificuldade de abstração que os alunos têm. Esses níveis de ensino não gostam muito de refletir e pensar. Sinto que existem dificuldades para poder falar das suas coisas, então o grande desafio é usar a intuição” (Docente PO6).

A tarefa não é das mais fáceis, pois sendo uma disciplina filosófica que tem como pressuposto o pensamento e a reflexão, muitos alunos se dispersam e não a compreendem, demonstrando pouca maturidade de abstração e reflexão.

Porém, essa disciplina é fundamental para a compreensão e o debate sobre a existência humana, levando-se em conta a atual conjuntura da sociedade e do mundo que infelizmente anda em total desalinho com o lado espiritual e voltando-se a escolhas catastróficas. Segundo Portal (2004), cada vez mais, a espiritualidade está se defrontando com as questões da pós-modernidade, do entusiasmo e ênfase pela “economia global”, “mercado global” e de exortações sobre a “nova ordem mundial”, pelos valores que lhe são subjacentes. Isso se reflete nos descuidos com o nosso planeta, quando não preservamos nem protegemos nosso meio ambiente, além disso, descuidamos também das nossas crianças quando permitimos que os valores materiais estejam acima dos valores espirituais em suas vidas.

Também a disciplina de educação física encontra resistências por parte daqueles alunos que não gostam de praticar atividades físicas:

“Na minha disciplina (educação física) a grande dificuldade é mostrar para aquele aluno que não gosta de exercício físico, o quanto a atividade física é importante para a vida dele e para o futuro dele. Outra limitação que dificulta o trabalho são os alunos que tem baixa coordenação motora para a faixa etária. Então é preciso desenvolver exercícios diferenciados para que eles consigam se desenvolver” (Docente PO8).

Devido a isso, o professor precisa ter manejos diferenciados, no sentido de fazer com que esses alunos compreendam a importância dos exercícios para a sua saúde física e mental. Conforme a Lei 9394/96 a educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica.

Já para a docente PA2, sua maior dificuldade é com os alunos de inclusão:

“A minha maior dificuldade é com os alunos de inclusão. Como ensinar? Como lidar? É bem difícil, pois cada um tem a sua característica, tem a sua limitação. Precisamos nos apropriar do tipo de inclusão para conhecer o funcionamento do aluno, como ele age, se ele tem algum tipo de estresse, que reações ele tem em momentos de estresse, quais são as suas dificuldades de aprendizagem” (Docente PA2).

A necessidade de entender o funcionamento de cada aluno, particularmente, para poder acertar na forma de trabalhar com a sua limitação é bastante complexo para o professor. Os alunos de inclusão demandam um olhar pedagógico e psicológico da escola muito assertivo, no sentido de poder orientar o professor em como desenvolver as atividades escolares e também como lidar com o próprio aluno em sala de aula.

É muito importante a formação continuada dos professores para que possam dar conta de trabalhar com os alunos especiais que fazem parte das classes regulares nas escolas e que precisam de atenção diferenciada para o desenvolvimento das suas potencialidades. A formação continuada ajuda muito para que o professor se sinta mais confiante com relação aos conhecimentos podendo contextualizá-los de uma forma atualizada que embase a sua prática, facilitando a compreensão do aluno.

Dessa forma, professores, famílias e escola devem estar em sintonia para o atendimento dos alunos com alguma deficiência, buscando ajudar-se no ajustamento e na adaptação da escola ao aluno e do aluno à escola. Para isso é necessário um trabalho de parceria, focando especialmente no aluno e na forma de trabalhar sua necessidade, contando para isso com toda a rede de apoio que lhe

assiste internamente e externamente a escola (psicólogo, psiquiatra, neurologista, fonoaudiólogo, psicopedagogo, orientador educacional, coordenador pedagógico, entre outros profissionais).

4.1.4 Situações de estresse docente e estratégias de coping

Essa categoria buscará suporte em Rossi (1992) citada no referencial teórico. Segundo a autora, é impossível fugir dos estresses do mundo contemporâneo e da sociedade moderna em que vivemos. Justifica também que o estresse pode ser causado por diversos fatores (internos ou externos) e, além disso, os eventos que representam estressores para algumas pessoas podem não ser estressores para outras.

Isso significa que é impossível eliminar todo e qualquer evento estressor da nossa vida, sempre haverá algum tipo de pressão (profissional, financeira, familiar, emocional ou de outra ordem) a nos causar algum tipo de ansiedade geradora de estresse. Refere também que uma das estratégias de dominar ou amenizar os sintomas de estresse (*coping*) é reconhecer que as frustrações e tensões cotidianas são inevitáveis.

Os docentes entrevistados referem que a escola precisa proporcionar momentos de reflexão para que possam parar para pensar, refletir e se autoanalisar:

“Acho que tem momentos que temos que parar. A nossa escola proporciona isso, esses momentos de se auto-analisar, de refletir para melhorar a auto-estima e estar bem espiritualmente para levar tranquilidade para a sala de aula. Afinal, a gente está sempre na correria, combinando coisas na hora da entrada e na hora da saída com os colegas e acaba que a gente não respira, não relaxa, fica assumindo mais e mais coisas para fazer” (Docente PA5).

A Docente PA5 coloca a importância de relaxar e se autoanalisar para um equilíbrio físico e mental, aliviando a ansiedade e melhorando com isso a autoestima para um trabalho docente de mais qualidade. Nesse sentido, Rossi (1992) contribui dizendo que toda pessoa precisa de um tempo para si mesma a fim, de poder trabalhar suas energias e entrar em sintonia com o seu lado espiritual, buscando na inteireza do seu ser, a paz e o amor que movem a vida, o mundo e tudo o que dele faz parte.

De acordo com a Teoria Personalista, a formação de professores envolve a psicologia da percepção, do humanismo e da fenomenologia, confirmando a necessidade de um “olhar mais atento aos professores e aos seus sentimentos de autoestima, seus limites individuais e suas possibilidades de autorrealização pessoal e profissional” (GARCIA, 1999, p.37).

Para Rossi (1992), a forma como a pessoa se percebe é muito importante, pois, a partir dessa leitura que cada um é capaz de fazer sobre si mesmo e sobre suas reações emocionais, terá possibilidades de compreender suas percepções e aprender como mudá-las, de forma a sentir-se bem e com autoconfiança.

Portal (2004, p.70) faz uma análise do momento atual que vivemos:

Analisando o momento de mundo que vivemos cada vez mais somos desafiados a algumas indagações que invariavelmente nos levam à espiritualidade, como missão e responsabilidade inerente a todos nós, na medida em que acreditamos ser a espiritualidade um fenômeno humano, parte essencial da existência humana, quiçá da natureza humana, entendida como uma maneira de experimentar, o mundo, de viver, de interagir com outras pessoas e com o mundo, envolvendo um sem-número de maneiras, individuais ou coletivas, de pensar, olhar, falar, sentir, mover-se e agir.

Nossa vida pessoal sofre os impactos de tudo o que ocorre na nossa vida social, no nosso trabalho, na sociedade e no mundo. Vivemos alinhados a diversas forças positivas e negativas e são essas forças que determinam como nos sentimos no dia a dia. O livro: “*O despertar de uma nova consciência*” de Tolle (2007) atenta para a necessidade de uma nova consciência emergente, iluminada, voltada para o bem e para fé, que amenize o mal e o sofrimento da humanidade.

Nossa mente tem o poder da cura ou da loucura, tudo depende do que os nossos pensamentos criam e nós acreditamos, somos capazes de distorcer e mal interpretar palavras ou situações, criando problemas que podem nos levar a diversos estressores.

Cada vez torna-se mais urgente que se trabalhe o emergir dessa nova consciência nas escolas com os professores, pois são eles os grandes responsáveis pela educação das novas gerações que estão surgindo e como estamos percebendo, essas gerações estão cada vez mais voltadas para as tecnologias avançadas e para os valores materiais.

Diante disso, a responsabilidade que compete aos educadores é cada vez maior e é preciso estar preparado para as mudanças do mundo nesse novo século, mais avançado e com crianças e adolescentes mais desafiadores.

“Tem situações na escola com alunos e com pais que são tão estressantes que é preciso parar, respirar e refletir sobre o real motivo daquela situação estar acontecendo. Às vezes é preciso buscar até mesmo ajuda dos setores dentro da própria instituição. O problema é que os pais não entendem muitas vezes o nosso trabalho, ou até entendem, mas querem fazer valer a vontade do filho, tornando desconfortável para o professor lidar com algumas situações” (Docente PA4).

Para Garcia (1999), o Paradigma Personalista da Formação de Professores enfatiza o caráter pessoal do ensino, no sentido que cada sujeito desenvolve as suas estratégias peculiares de aproximação e percepção do fenômeno educativo. O comportamento de uma pessoa depende do modo como ela se percebe a si própria, de como entende a situação em que está inserida e da inter-relação destas percepções.

Nesse contexto, a escola precisa estar atenta às situações de conflito que envolvem os professores, ajudando-os e buscando estratégias para a resolução dos mesmos, pois o desgaste emocional resultante das realidades vivenciadas no dia a dia de sala de aula e com as famílias pode ser um componente decisivo no desencadeamento de um estresse maior.

As transformações sociais e familiares contemporâneas transformaram o trabalho educativo numa grande cobrança de responsabilidades, desde ser alvo de críticas severas por parte das famílias no que tange à disciplina ministrada, incluindo até mesmo as falhas do sistema educacional propriamente dito, pelo qual os educadores também “devem” responder. Mostrar ao professor que ele não está sozinho e que a escola acredita e confia no seu trabalho e na sua conduta com os alunos significa muito, pois o profissional se sente acolhido e fortalecido, desempenhando seu trabalho com maior tranquilidade.

Rossi (1992, p.94) aconselha “que a pessoa reconheça quando comete um erro e aprenda a defender seus direitos, mantendo-se calmo”. No caso das escolas, quando somos obrigados a “confrontar” com as famílias, o importante é procurar ter uma conversa amigável, do que tentar vencer a questão, indispondo-se e criando uma situação ainda mais complicada de se resolver.

Há ainda as dificuldades psicossociais dos alunos que demandam uma atenção especial por parte do professor:

“Também tem aquele aluno que tem a questão do estresse intenso (surta, grita, chuta as classes e as cadeiras, agride...) é preciso sempre ter alguém do apoio para dar suporte ao professor, retirando esse aluno de sala de aula, pois o professor não tem como lidar com ele quando entra em estresse diante de toda a turma” (Docente PA2).

O relato da Docente PA2 demonstra as diversas situações pelas quais passam os professores dentro das escolas, motivo pelos quais, algumas vezes, é preciso a interferência dos setores, para que possam dar conta daquele momento.

A maioria das dificuldades que ocasionam as demandas de estresse dos alunos é exterior à escola. Geralmente, os alunos as trazem de casa e acabam externando na sala de aula diante de qualquer situação que os desagrade, como exemplo a conversa ou o riso dos colegas, um trabalho ou prova que ele (aluno) não esteja conseguindo fazer, entre outros vários motivos pouco relevantes. Para os professores, isso também se torna um problema na sala de aula, pois, em geral, precisam controlar esse comportamento do aluno e também dar conta da sua disciplina e dos outros alunos.

4.1.5 Escola e saúde docente

A complexidade do trabalho docente parece estar relacionada às condições psicológicas as quais o profissional é submetido, muitos deles chegam a agregar de dois a três empregos para poder manter-se. O ritmo intenso de trabalho, as exigências da escola, dos alunos e das suas famílias acabam comprometendo um terreno delicado que é a saúde do educador.

Conforme refere Fontana (1991, p.473), “por sua própria natureza, o ensino é estressante”. E, além de tudo, os professores são afetados emocionalmente pelos sucessos e fracassos de seus alunos, tendo que se defrontar com as críticas dos pais e também daqueles alunos que não conseguem atingir seus objetivos e geralmente transferem a culpa para o professor.

Os desafios do sistema educacional aliados às situações complexas e turbulentas que envolvem o alunado e suas famílias estão fazendo com que a escola contemporânea pense estratégias de trabalho que valorize o psicossocial, pois disso

dependerá a qualidade de vida e a autoeficácia dos docentes e de todos os que fazem parte do contexto escolar.

Conforme citado no referencial teórico, Tamayo e Tróccoli (2002) concluíram que quando existe suporte por parte dos gestores no ambiente de trabalho existe também, a grande possibilidade de que a exaustão emocional fique diluída e o trabalhador transforme o estresse negativo num sentimento encorajador canalizando-o para novas buscas e conquistas.

Segundo a Docente PA3, é preciso que as escolas trabalhem na prevenção do estresse dos professores:

“Eu acho que as escolas deveriam estar mais abertas e preocupadas com o que os professores estão sinalizando, através das suas falas ou de sua demonstração de cansaço, porque ele (professor) muitas vezes sente o efeito do estresse, mas não o percebe, ou melhor, ele percebe sim, mas não admite (tem medo do que a escola pode fazer). Então, esse olhar da escola é importante no sentido da prevenção. As escolas deveriam fazer como as empresas, que proporcionam atividades laborais para os seus funcionários, como na questão da postura devido a horas de correção e digitação de provas. O que se percebe é que a estrutura escolar não está preocupada com o todo, mas somente com o trabalho executado dentro dessa estrutura” (Docente PA3).

O trabalho docente parece fácil, mas, conforme Perrenoud (1993), já citado no referencial teórico, vários são os aspectos que precisam ser observados com relação aos alunos e os professores. Todos os níveis de ensino têm suas demandas de exigências. Os anos iniciais do ensino fundamental exigem didáticas diferenciadas, além da relação professor/aluno que ainda é bastante forte no sentido da afetividade. Isso envolve desde os aspectos comportamentais, até a aprendizagem propriamente dita.

O docente diante dessas necessidades dos alunos, às vezes, acaba se desgastando devido a ter que orientar para a autonomia e para a individualização. Isso implica que o ensinar e o aprender não devem ser vistos como um processo homogêneo para todos os sujeitos, pois é necessário conhecer as características pessoais, cognitivas, contextuais e relacionais de cada aluno de modo a desenvolver as suas capacidades e potencialidades individuais (GARCIA, 1999).

Nesse sentido, é necessário um olhar de atenção também para o professor, pois quando ele se sente com pouco apoio por parte da Instituição no sentido de orientação ao seu trabalho, ele acaba se sentindo inseguro e sozinho, tendo que

buscar apoio externo, seja, com psiquiatras, psicólogos, médicos, massagistas, qualquer forma de aliviar as suas tensões.

Alguns professores demonstram sinais do descontentamento com a profissão por meio de falas relativas ao tempo que a escola oferece para planejamentos:

“Eu acho que a escola tem que ter um olhar especial para o professor, como profissional, sim, mas como ser humano também. Olhar o professor como uma pessoa que tem família, que tem problemas, porque o professor se sente mais acolhido, mais valorizado. Quando a escola tem essa estrutura de se preocupar, não considerando o professor apenas um horista, cria-se uma relação mútua de respeito e confiança e o professor acaba tendo dificuldades em dizer um não quando é solicitado pela escola e também passa a sentir-se responsável frente aquela Instituição” (Docente PA4).

“Acho que a escola deveria disponibilizar um espaço de planejamento incentivado pela escola, do contrário a gente trabalha nossas horas de aula e ainda as horas de planejamento em casa. Isso influencia na tua saúde, na tua qualidade de vida, por que ao invés de descansar, curtir tua família, tu tens que pesquisar, organizar as aulas, pois uma aula leva tempo para montar. Também é importante proporcionar palestras e espaço para que o professor possa falar o que sente, pois isso também ajuda na elaboração dos estresses” (Docente PO8).

“Na realidade eu acho que a escola deveria tirar um pouco a carga de cima do professor em alguns aspectos, como a desburocratização, porque hoje em dia está complicado, o professor ganha para trabalhar tantas horas e acaba trabalhando o dobro em casa, lançando notas no sistema, fazendo parecer de aluno, corrigindo provas, trabalhos, etc. então a saúde do professor vai se abalando. Eu não trabalho de tarde, mas eu vou noite adentro trabalhando, principalmente em fechamento de trimestre” (Docente PO9).

Os professores se queixam da burocratização exigida pela organização escolar e que acaba tirando parte do seu tempo de descanso em virtude de ter que preencher formulários, escrever pareceres, lançar notas no sistema, entre outras obrigações dessa mesma ordem. Porém, segundo o artigo 320 da CLT³ – Das normas especiais da tutela do trabalho - dos professores, consta que as atividades

³ Art. 320 - A remuneração dos professores será fixada pelo número de aulas semanais, na conformidade dos horários.

§ 1º - O pagamento far-se-á mensalmente, considerando-se para este efeito cada mês constituído de quatro semanas e meia.

§ 2º - Vencido cada mês, será descontada, na remuneração dos professores, a importância correspondente ao número de aulas a que tiverem faltado.

§ 3º - Não serão descontadas, no decurso de 9 (nove) dias, as faltas verificadas por motivo de gala ou de luto em consequência de falecimento do cônjuge, do pai ou mãe, ou de filho.

BRASIL, CLT - Art. 320 - Das Normas Especiais da Tutela do Trabalho - Dos Professores. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 08 set. 2007. Disponível: <<http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=2.8824>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

extraclasse, como estudo para aperfeiçoamento profissional ou aprofundamento do conteúdo a ser ministrado, correção de provas, avaliação de trabalhos, controle de frequência e registro de notas, estão incluídos no conceito de “horas-aula”, estando sua remuneração inserida no número de aulas semanais e não cabendo pagamento como hora extraordinária.

Ainda assim, existem controvérsias, sendo que o artigo 67⁴ - inciso VI da Lei 9.394/96 garante ao professor um período reservado a estudos, planejamento e avaliação incluído na carga de trabalho, não define, no entanto, os critérios para essa remuneração.

O ambiente de trabalho é determinante para a saúde do docente:

“Para mim a saúde do professor está muito relacionada com o fato de tu te sentires bem no lugar que tu trabalhas e com todas as pessoas que tu trabalhas dentro do universo escolar. Chegar num ambiente, todo dia de manhã, onde a direção e os colegas de trabalho te recebem sempre com um sorriso, é muito acolhedor, pois às vezes tu chegas um pouco chateado, não está no teu normal, e isso é percebido. Então, quando tu te levantas e pensa que precisas ir trabalhar, mas isso não é um peso, para mim isso significa trabalhar saudavelmente” (Docente PO7).

Nem só de trabalho vive o homem, é necessário também curtir a vida ter suas relações de afeto e amizade para viver bem, preservando sua saúde física e mental. O sentimento de pertencer a uma instituição que compreende o lado emocional do professor com suas dificuldades e fragilidades faz com que o profissional se sinta acolhido e trabalhe com mais tranquilidade e segurança. É preciso entender que o professor também tem família, tem problemas, vida pessoal e social, por isso é importante esse cuidado para que sejam proporcionados momentos de relaxamento, onde ele poderá expor e compartilhar suas dificuldades, seus sentimentos de alegria e tristeza, motivações e frustrações, desejos e sonhos.

Sabe-se que o trabalho dignifica o homem. Mas, se por um lado ele é fonte de alegria e realizações, por outro ele pode se transformar em elemento patogênico capaz de desencadear desde esgotamentos físicos e mentais até patologias mais complexas.

⁴ Art. 67 da Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público.

BRASIL, LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Lei de Diretrizes e Bases. Art. 67 da 9.394/96. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 jun. 2011.

E, conforme Rossi (1992, p.51) “a qualidade da nossa vida está mudando”. Trabalhamos mais do que aproveitamos a vida, vivemos correndo contra o tempo, comemos rápido, nos alimentamos inadequadamente, dormimos menos do que deveríamos, quase nunca temos tempo para descansar, nem para conhecer outros lugares e pessoas, somos vítimas do nosso próprio trabalho e a solidão torna-se nossa maior companheira. Portanto, é urgente que o educador pare e repense sua forma de viver, seus valores e o que é significativo para ele, pois em consequência dessa falta de cuidado consigo mesmo, ele acaba sendo afetado pelo estresse e pela ansiedade.

Para a docente PA1 o grande problema está na organização escolar:

“Eu vejo um grande problema nas escolas: o aluno podendo cada vez mais e o professor cada vez menos. O aluno não pode ser visto como coitadinho. Direção, setores e professores devem ter unidade nas falas, não podem ser flexíveis, se um setor disse “não” para o aluno, todos devem manter o mesmo “não” e fazer valer, mantendo o respeito, pois isso evitaria muitos estresses para toda a escola e preservaria a saúde dos professores” (Docente PA1).

A escola existe para educar os alunos e, assim, torná-los homens e mulheres autônomos e capazes de pensar por si próprios. Mas, para tanto, é imprescindível entender o que sentem os educadores quanto ao seu bem-estar ou mal-estar docente. É importante a congruência que deve existir entre todos os envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem (famílias, alunos, escola e educadores) para que todos tenham fortalecidos seus sentimentos de alegria e entusiasmo com o trabalho que desenvolvem, evitando dessa forma qualquer tipo de situação que comprometa o ofício laboral e especialmente o estado emocional dos envolvidos.

A profissão docente é uma das profissões que trabalha diretamente com pessoas, fato esse que a torna muitas vezes estressante. Cada ser humano possui suas características pessoais e individuais, com suas dificuldades emocionais e psicológicas exigindo um olhar diferenciado.

Para Codo (1999, p.48), ainda hoje existe uma delimitação das relações no ambiente de trabalho que diz:

Nunca se envolva com os colegas de trabalho, muito menos com seu chefe; onde se ganha o pão, não se come a carne; não se leva problemas do trabalho para casa e de casa para o trabalho; os dramas afetivos pessoais, não são do interesse dos colegas de trabalho.

Porém, sabe-se que o afeto é indispensável em qualquer lugar e para qualquer idade, tornando-se elemento agregador para um diferencial nas relações profissionais. Não é só o aluno que precisa do afeto permeando as relações do dia a dia, o educador também tem necessidade de se sentir acolhido por seus colegas e pela comunidade escolar para poder desenvolver seu trabalho mais feliz. A escola e os colegas representam uma segunda família, tanto para os alunos quanto para os educadores, quando as relações são acolhedoras e baseadas no carinho e no respeito de todos.

Na escola, a relação se torna muito próxima com todos, principalmente com os alunos, sendo que o caráter das relações muitas vezes passa do formal, pois acaba se conhecendo profundamente os problemas emocionais e familiares do aluno e não há como não se envolver.

Para Codo (1999), essa relação afetiva com os alunos não se estabelece, se os movimentos são bruscos e os passos fora do ritmo. É ilusório querer acreditar que o sucesso do educar será completo. Isso significa que no trabalho docente a afetividade é quesito obrigatório, ou melhor, é pré-requisito para que o trabalho seja de qualidade. Analisando essa relação entre o aluno e o professor e o conflito, entre afeto e razão, percebe-se a importância da escola preocupar-se com a saúde dos seus docentes, pois essa relação de conquista permanente do professor ao aluno para que ocorra a aprendizagem, envolve um grande investimento por parte do docente, no que tange especialmente à compreensão e à paciência com o momento do aluno, para que ele dê conta da apreensão dos conteúdos respeitando o seu tempo de aprendizagem.

Além dessa afetividade diária, o professor precisa estar sempre consciente, que independente do que o aluno diga ou faça, ele, professor, é o adulto dessa relação. Ainda, segundo Codo (1999, p.50), conquistar, significa “*trazer para o seu lado*” e o professor precisa que os alunos estejam do seu lado, pois se estiverem contra ele funcionarão como obstáculo a qualquer conteúdo a ser assimilado.

4.1.6 Diferença dos gêneros na elaboração do estresse profissional docente

Segundo dados de pesquisas relacionadas a essa questão, apareceu como uma tendência feminina apresentar maiores manifestações de estresse, decorrentes talvez de fatores como as pressões profissionais, consequência de longas jornadas

de trabalho ou advindas das responsabilidades familiares como a organização doméstica. As manifestações apresentadas pelas mulheres contemplam a somatização desses fatores, entre diversos outros que acabam se transformando muitas vezes em sofrimento emocional.

Os homens, aparentemente, sofrem menos de estresse, por não demonstrarem seus sentimentos e isso parece estar relacionado a um fator cultural. Segundo pesquisas, a dupla função “competição no trabalho, simultânea às demandas domésticas”, são apontadas pelas mulheres como os fatores responsáveis pelo desencadeamento de estressores. Já os homens, elegeram a incerteza profissional como o principal estressor.

Figura 11 - Estresse do gênero feminino



Fonte: Aranda, 2010.

“Penso que a professora (mulher) tem uma tendência emocional de “engolir” mais os estresses, não resolver na hora, carregar esse estresse para casa até ele ir sendo diluído e resolvido. Consegue buscar o equilíbrio para diminuir o nível de estresse da situação de sala de aula, mas não o seu. Já o professor (homem) ele tem a tendência de aliviar a situação de estresse no mesmo momento, por isso não fica sofrendo e remoendo” (Docente PA3).

Isso mostra que não existe só uma diferença orgânica entre os gêneros, mas uma diferença também na forma de o homem e da mulher perceber questões relacionadas ao alunado. O aluno que está na sala de aula vem de uma família, supostamente composta de um pai e uma mãe, portanto, querendo ou não, os professores são a representação desse referencial familiar, na escola.

Por mais presente que o professor (a) tenha o aspecto profissional e mantenha isso muito claro na relação com o aluno, mesmo assim, os alunos os veem dessa forma. Então essa relação de gênero começa como uma realidade de sala de aula, só que o homem (professor) consegue colocar um distanciamento maior nessa relação e com a mulher (professora) pode ocorrer uma relação simbiótica, de transferência.

Com as crianças menores, essa transposição é natural, mas no relacionamento com os adolescentes é necessário trabalhar esses afetos e essas relações de forma a amadurecê-los para o enfrentamento dos seus conflitos.

O professor (a) tem como matéria prima do seu trabalho, um conhecimento aplicado em pessoas, então é preciso perceber e separar o quanto existe de transposição de si próprio para o coletivo, pois se corre o risco de ter situações “delicadas” na sala de aula, complexas de gerenciar (exemplo: as meninas paquerando os professores jovens). Ensinar, antes de qualquer coisa, segundo Freire (1996) exige bom senso. “A vigilância do meu bom senso tem uma importância enorme na avaliação que, a todo instante, devo fazer de minha prática” (FREIRE, 1996 p.61).

“Eu vejo que há uma diferença no olhar do aluno (a) para o professor homem, talvez pelo fato dele ser homem, ele impõe mais o limite, parece que o limite dele fica mais claro para o aluno. Com a professora mulher existe uma relação mais afetiva, sendo que, se tu não consegues lidar bem com essa afetividade, eles acabam extrapolando e não respeitando os limites. A linha é bastante tênue, entre tu ser professora, impor o teu limite e trabalhar essa questão da afetividade” (Docente PA4).

Sabe-se que é importante diminuir a distância entre o discurso e a prática, para um trabalho agregador, mas nem sempre o professor consegue agir seguindo esse caminho virtuoso e fundamental exigido nos espaços educativos. É importante que a perspectiva humanista seja a base desse processo, proporcionando ao aluno compreender-se como parte importante de um todo. Nesse contexto formativo é fundamental uma relação de troca e parceira entre professor e aluno, independente do gênero, mas baseada sempre na ética e no respeito.

No quadro a seguir, apresenta-se uma síntese de como o professor deve trabalhar dentro de um contexto de reflexão crítica permanente sobre sua prática formadora, lembrando que na sala de aula sua presença é exemplar para o aluno.

Quadro 5 - Como prevenir o estresse na escola

1º Professor estressado pode estressar os alunos, além de servir-lhes como modelo, por isso, cuide de seu estresse;
2º Dê instruções claras, incentive o diálogo e o esclarecimento das dúvidas de seus alunos;
3º Conheça seus alunos, saiba o que está acontecendo com cada um deles, respeite e incentive à individualidade de cada um;
4º Não os sobrecarregue com atividades, pois eles podem se tornar aversivos;
5º Incentive a solução de problemas em grupo, estimulando cada criança a superar seus obstáculos, bem como, incentive a colaboração entre eles;
6º Evite gritar, pois demonstra descontrole, falta de autoridade, além de ser um modelo de atitude para seus alunos.

Fonte: Lipp (2004, p.142-143)

A escola possui a importante função socializadora na vida da criança. O primeiro agente socializador é a família; porém, devido ao fato de que a maioria das famílias trabalha fora, as crianças estão indo cada vez mais cedo para as instituições de ensino, onde geralmente, permanecem o dia todo.

O momento é complexo para o aluno, pois exige escolhas e conduta madura que muitas vezes ele ainda não tem. Os professores diante disso, precisam exercitar a paciência e a tranquilidade, pois eles desafiam e testam até onde vai o limite na sala de aula, sendo que nesses confrontos acontecem às situações que acabam levando às discussões estressoras.

A educação tem como principais objetivos contribuir para o desenvolvimento psicológico e social do aluno e o professor deve estimulá-lo no seu desenvolvimento integral, permitindo-lhe agregar novos conhecimentos, desenvolvendo a sua inteligência e a maturidade social necessária para um relacionamento pleno com o próximo.

“Percebo que os momentos de explosão acontecem mais com os professores homens, os conflitos se tornam muito mais graves quando acontecem com eles, pois ocorre o momento de explosão e geralmente é uma coisa mais agressiva, necessitando a interferência da Coordenação Pedagógica. A dificuldade do homem de gerenciar os estresses de sala de

aula é devido ao fato de que ele logo parte para uma ação mais rígida e essas ações acabam implicando em problemas maiores, envolvendo pais e direção. Já, o gênero feminino consegue lidar melhor com essas situações, resolvendo a situação de forma mais amigável e fazendo com que o aluno perceba o que se pretende com aquela ação” (Docente PA4).

As crianças e os adolescentes precisam de adultos seguros e saudáveis psicologicamente como referência, para orientá-los e estimulá-los no estabelecimento das relações com a sociedade e com o mundo. O adolescente em especial, por estar se inserindo no mundo adulto passa por momentos de grandes conflitos entre o querer crescer e se interdepende, e o permanecer no conforto da escola junto aos seus professores, colegas e no aconchego da sua família.

Para Piaget (1981, p.60): “O gostar de uma pessoa é um sentimento que varia na medida em que ele é espontâneo e ligado a situações particulares. Ele torna-se duradouro e confiável quando sentimentos de semi-obrigação são adicionados”.

E como se sentem os professores diante das situações emocionais dos alunos:

“A maternidade em mim está muito presente. Quando o aluno vem me contar algo particular, por que ele está triste ou às vezes está agressivo devido a algo que lhe aconteceu, eu levo isso comigo para casa, penso e depois converso com ele novamente tentando achar alguma estratégia para ajudá-lo” (Docente PA2).

A amorosidade é um sentimento que faz parte das nossas vidas e não existe um ser humano que trabalhe com a educação que seja totalmente indiferente ao aluno e ao trabalho que realiza, o que varia apenas é a intensidade que cada um sente e demonstra essa emoção. O importante é que os educadores tenham um olhar diferenciado para os alunos com referência as suas emoções para um melhor desenvolvimento cognitivo dos mesmos, pois a afetividade influencia diretamente no fenômeno intelectual, colorindo a percepção e o conhecimento com elementos que os valorizam.

“Olhando para os meus colegas nesses 20 anos de profissão docente, o homem coloca menos emoção no que ele faz. Diferente das mulheres que se entregam mais, vivendo muito intensamente tudo o que fazem, mas acho que isso faz parte da natureza de cada gênero. Inclusive, acredito que o homem lida melhor com os estresses devido a esse distanciamento que ele coloca. Já a mulher, pela própria condição de mãe, acaba se envolvendo demais e, conseqüentemente se estressando mais” (Docente PA1).

Os comportamentos humanos se processam mais em função de afetos do que em termos lógicos da inteligência, ou seja, as crianças e os adolescentes necessitam de afeto e carinho, como fatores de motivação, pois a vida afetiva é em grande parte responsável pela formação das características de sua personalidade.

“Tem algumas coisas que acontecem na estrutura familiar do aluno e ele transfere essa revolta para o professor (a). Eu acho que os estresses com alunos ocorrem mais com os professores do gênero feminino, pois elas se ligam mais aos detalhes, assumindo mais as situações” (Docente PA5).

Cada criança responde de forma diferente afetivamente às situações com as quais se defronta, podendo se manifestar através de atitudes de atração, quando é tratada com respeito e carinho, e podendo ser através de repulsa e afastamento, quando é tratada de forma agressiva ou indiferente.

O cenário atual da educação é desafiador para os educadores! A grande queixa dos professores é de que não conseguem desenvolver suas aulas devido ao difícil comportamento dos alunos e a falta de atenção. Na verdade as crianças se tornam “*problemas*” devido ao sistema que muitas vezes não funciona bem. Os sistemas de maior importância na vida da criança são: primeiro a família, segundo a escola.

“Eu vejo que a questão dos estresses depende muito do grupo com quem se trabalha. Numa escola eu consigo trabalhar bem e na outra escola, desenvolvo o mesmo trabalho, com a mesma metodologia, inclusive as turmas são menores e eu não consigo” (Docente PO10).

A realidade dos educandos reflete diretamente na relação professor-aluno, que muitas vezes transpõe o limite do diálogo. A escola e os educadores vivem um momento de perplexidade diante dos acontecimentos, sem definição de como conciliar as necessidades de um mundo moderno, de uma sociedade em mudança permanente, em crises de valores e de ética, com uma proposta educacional que prepare os alunos para o futuro.

“Existe sim uma diferença no comportamento da mulher e do homem na questão do gerenciamento dos conflitos. O homem tende a ser mais prático, mais direto do que a mulher. Em determinados momentos pode atrapalhar essa objetividade para solucionar um problema, no entendimento de não respeitar a situação do aluno ou de não compreender o motivo pelo qual ele está passando por aquele conflito. Eu acho o homem muito sucinto nessa questão, às vezes até um pouco sem paciência” (Docente PO8).

“Acho que o homem lida com mais facilidade com as situações de estresse, mas ele tem essa coisa da impulsividade que precisa ser controlada, ele é mais explosivo e, algumas vezes pode até se exceder em sala de aula, quando enfrenta uma situação de confronto, por exemplo. A mulher talvez contorne melhor as situações, mas ela carrega depois, pós-sala de aula e acaba sofrendo mais com isso, portanto acredito que são mais prejudicadas nesse ponto” (Docente PO9).

Ninguém vem ao mundo sabendo ser professor, isso é algo que precisa ser aprendido e é para isso que estudamos, nos preparamos e passamos por diversas experiências encarando os problemas e procurando a melhor solução. Alguns professores têm dificuldades para saber como agir com relação aos alunos na sala de aula (com a questão do limite), principalmente em escolas da rede privada, por isso entram em conflito, devido aos desafios a que são expostos. Nessa perspectiva, segundo Jesus (2007) a prática profissional pode constituir-se numa situação de formação, apresentando-se como importante para a aprendizagem e para o aperfeiçoamento progressivo das competências docentes e não como uma mera *aplicação* de receitas de comportamentos característicos do *bom professor*.

O professor deve basear a sua prática na reflexão, isso é inerente a um bom trabalho. Não basta somente dizer que o aluno não tem vontade de aprender, que não se interessa pelos conteúdos e ficar encontrando mil justificativas para solucionar os problemas que se apresentam. Nem sempre a culpa é somente dos alunos, muitas vezes encontra-se na didática do professor ou até mesmo na sua própria formação que não busca novas formas de ensinar, ou o docente tem pouca articulação na sua própria capacidade de ensinar. Para Jesus (2007) não há soluções-receitas generalizáveis e, portanto, o desenvolvimento profissional tem que se basear na investigação-ação, isto é, na investigação do próprio professor sobre a sua ação concreta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, é o momento de repensar toda a caminhada de dois anos, fazendo uma reflexão sobre a escrita, que consiste num grande diálogo carregado de emoções e aprendizagens. Nesse capítulo, por ser o que encerra esse trabalho, três autores foram relevantes: Antunes (2008); Mosquera (1978) e Freire (2000).

A prática educativa e suas complexidades têm sido campo fértil de pesquisas de diversos estudiosos, que buscam respostas para as inquietações da sociedade no que diz respeito à educação contemporânea. Desbravar o mundo científico e enfrentá-lo com seus desafios não é uma aventura muito fácil, mas também não é impossível quando nos propomos a esse desafio com a coragem e a maturidade esperada de um pesquisador.

A pesquisa leva a diversos momentos e sentimentos no seu decorrer, causando desde nostalgia, tristezas, alegrias, frustrações, até momentos de verdadeira inspiração e o desejo intenso de vencer a batalha. Apesar das dificuldades, a trajetória é permeada por momentos maravilhosos e significativos, de encontros com pessoas inteligentes e companheiras com as quais se aprende muito, principalmente o que é solidariedade.

As aplicações das aprendizagens e dos conhecimentos vão se tornando concretas e reais na prática profissional cotidiana e nos discursos que se enriquecem e se modificam a cada semestre. A busca por informações que possam contribuir com a pesquisa torna-se uma constante, transformando e lapidando nosso olhar e instigando-nos na busca do que desejamos compreender.

Por fim, compartilho esse processo de amadurecimento pelo qual passei e que com certeza todos os pesquisadores passam, pois são emoções e sensações inesquecíveis, na medida em que mexem com os nossos sentimentos e com o nosso emocional, fazendo-nos experimentar o mundo da pesquisa como ele é: carregado das suas tensões, intenções e contradições. É adrenalina pura, é estresse positivo (eustresse), pois nos motiva a querer ir mais além.

A felicidade, é sinônimo de luta e, dessa forma, somente pode ser inteiramente feliz a pessoa que acredita em sua transformação e se dispõe a empreender uma caminhada em direção a essa meta, sabendo que, ao atingi-la, outras por certo irão surgir e dessa forma desafiar novas buscas (ANTUNES, 2008 p.183).

Pesquisar sobre o estresse em professores acaba impelindo a abrir várias frentes de estudo, pois o assunto está intrinsecamente ligado a muitos fatores que envolvem a prática docente. Nessa relação de trabalho e conhecimento entre professor x aluno; professor x família; professor x escola, o docente se torna alvo fácil de situações estressoras que exigem ações pedagógicas diretas e consciência crítica acerca da conduta necessária para ponderar de forma adequada o que se apresenta em cada momento.

À luz de diversos autores e por meio das entrevistas dos professores que autenticamente deixaram fluir seus anseios, paixões e dificuldades no que se refere ao desenvolvimento do seu ofício no dia a dia, foi possível refletir sobre o assunto em questão. A paixão por ensinar foi o mais intenso dos sentimentos, mas a decepção pelos caminhos tortuosos aos quais são obrigados a trilhar torna a profissão insatisfatória e vulnerável, levando os professores ao mal-estar docente.

A situação presente da educação é caracterizada por uma desordem que se encontra na sociedade, nas escolas, e nas famílias contemporâneas. As hierarquias se inverteram, sendo que os pais não sabem mais como educar seus filhos e delegam para a escola essa responsabilidade que também é deles. Diante dessa realidade os professores se veem obrigados a dar conta de uma sala de aula composta de um grande número de alunos, além das diversidades e necessidades de cada um.

A missão da educação permanece a mesma, transformar a humanidade dando a ela possibilidades de ascender socialmente criando um conjunto de valores e um estilo humano de existência. Mas a tarefa hoje é mais difícil do que jamais foi, pois a escola vive uma crise de consciência, tanto é que vivemos em constantes reflexões pedagógicas, tentando entender como é preciso ensinar nos tempos atuais.

Nessa via de mão única, os professores entrevistados relatam sua impotência diante das situações pessoais que envolvem os alunos. Cada caso é um caso e por sua relevância precisa de atenção especial, exigindo um malabarismo dos professores, no sentido de ministrar sua disciplina e ainda conduzir as situações que se apresentam.

Justificar as atitudes dos alunos como simplesmente um sinal dos tempos, torna-se muito fácil e confortável. Censurar os pais por não impor limites firmes também não parece ser de fato o ideal. Espera-se, portanto, que seja a educação a

grande catalisadora de todas as necessidades do aluno, no entanto, até mesmo a escola e os educadores vivem momentos de incertezas sobre o que fazer diante da indisciplina e desinteresse do alunado.

E ainda se concorre com a tecnologia que entrou com tudo nas escolas e na vida das crianças e adolescentes. Teoricamente foi um acréscimo em todos os sentidos originando avanços significativos nas pesquisas por parte dos alunos e na elaboração de aulas por parte dos professores, porém nas salas de aula tem sido um estresse enorme para os professores combater a invasão dos aparelhos de celular e seus derivados que dificultam a concentração e o bom andamento das aulas e o rendimento do aluno.

Nessa exposição a longas horas de trabalho e acúmulo de pressões exigidas pelo ofício, o estresse vai tecendo lentamente seus danos físicos e emocionais na saúde do professor. Conforme já citado no referencial teórico, o estresse começa com pequenos sinais de alerta, que precisam ser observados pela escola e pelo próprio professor para não chegar a uma situação limite.

Alguns dos sujeitos entrevistados colocam a importância da escola proporcionar momentos de reflexão para que os docentes parem, relaxem, cultivem as relações entre os colegas e desconstruam-se por uns minutos para se reconstruírem novamente numa perspectiva energizada.

Muitas empresas proporcionam exercícios laborais, pois estudos indicam que pessoas que se exercitam, relaxando sua carga de tensão, têm mais disposição para desenvolver seu trabalho e também se tornam mais saudáveis, reduzindo a necessidade de tratamentos médicos.

Para os professores entrevistados diversos são os fatores que levam ao estresse dos educadores:

- A desmotivação dos alunos para as atividades propostas;
- A indisciplina dos mesmos;
- O descomprometimento dos alunos com as tarefas solicitadas;
- A falta de limites dos alunos; A falta de apoio das famílias;
- O excesso de horas dedicadas à profissão;
- A falta de tempo para relaxar e se divertir em detrimento de planejamentos e organização de aulas e provas em horários extra-classe;
- A burocratização de relatórios avaliativos exigidos pela escola, entre outros.

As categorias tiveram como ponto forte trabalhar os desafios das atividades dos docentes nas escolas e a relação dessas situações desafiadoras com a sua saúde.

A 1ª (primeira) categoria abordou o tema “*formação e aperfeiçoamento docente*”, que mostrou um quadro bastante significativo de busca por crescimento, aperfeiçoamento e formação de todos os professores, sendo que apenas três (3) professores são somente graduados e os demais possuem níveis de pós-graduação. Três (3) são especialistas, dois (2) são mestres e dois (2) são doutorandos até o presente momento dessa pesquisa.

A 2ª (segunda) categoria investigou os “*pontos positivos da profissão docente*”. O que chamou a atenção nessa categoria foi que independente das dificuldades da profissão com relação à indisciplina dos alunos, uma das grandes satisfações dos professores é o contato com os alunos e a relação de amizade que se estabelece entre ambos.

Na 3ª (terceira) categoria selecionada: “*dificuldades encontradas no desenvolvimento da docência*”, emergiram como as maiores dificuldades a indisciplina e falta de respeito dos alunos na sala de aula e com o professor. Nesse sentido é preciso refletir sobre a própria prática buscando entender os motivos de tais atitudes dos alunos com o intuito de reverter a situação vigente.

A 4ª (quarta) categoria “*situações de estresse docente e estratégias de coping*” focalizou os problemas do dia a dia na sala de aula e na escola, as dificuldades com as famílias e o quanto é necessário e importante que a escola proporcione momentos de reflexão para que os professores possam relaxar e repensar suas práticas, encontrando motivação para continuar a dar conta do seu ofício laboral.

A 5ª (quinta) categoria tratou da “*escola e saúde docente*” e segundo os sentimentos dos professores, a escola precisa estar mais atenta aos sinais que os docentes estão demonstrando com referência a suas demandas de estresse e cansaço, pois a prevenção e o cuidado asseguram que o professor não adoça.

A 6ª (sexta) e última categoria buscou entender se existe “*diferença dos gêneros-docentes na elaboração do estresse profissional*”. A maioria dos professores acredita que existe um comportamento diferente por parte de homens e mulheres nas situações de estresse com alunos. Acrescentam ainda, que as mulheres se estressam mais que os homens, absorvendo mais os problemas do

alunado. No entanto, os professores são unânimes em afirmar que a mulher é mais afetuosa e paciente, ouve com mais atenção e interesse as situações e geralmente busca solucioná-las, diferente da maioria dos homens, que trata os assuntos de forma mais objetiva e com pouco envolvimento, motivo pelo qual acreditam que não se estressam tanto.

Mosquera (1978, p.114) contribui dizendo:

Que o papel do professor muda substancialmente e passa a ser o de um líder de opinião. Complementa ainda, que a educação institucionalizada tem como um dos principais objetivos o processo de socialização, no qual joga um papel preponderante a figura do professor.

Os problemas nas escolas implicam diversas fontes estressoras vinculadas ao envolvimento relacional do professor com os alunos e com o seu fator psíquico. Diante dessas demandas o professor muitas vezes se fragiliza e necessita buscar suporte na rede de apoio da escola, evitando o confronto direto com as famílias que na maioria das vezes coloca o professor como culpado das metas não alcançadas dos seus filhos.

A mim me dá pena e preocupação quando convivo com famílias que experimentam “a tirania da liberdade” em que as crianças podem tudo: gritam, riscam as paredes, ameaçam as visitas em face da autoridade complacente dos pais que se pensam ainda campeões da liberdade. (FREIRE, 2000, p.16)

O desrespeito aos educadores tem sido algo inaceitável por parte de pais e alunos, nas escolas. Situações essas que vivenciamos em tempos muito difíceis relacionados à educação, principalmente com relação ao assédio e aos danos morais causados pela agressividade verbal e física, além da virtual (*cyberbullying*) para com os educadores.

Alicerçados em ameaças de processos contra a escola, pais adentram as escolas furiosamente e tornam os profissionais reféns da sua total falta de respeito. Usam de agressões verbais que causam mal-estar e provocam sentimentos e reações emocionais que tem levado os educadores a questionar o que se pode fazer diante de tamanhas ameaças e coerções.

Coniventes com o mau comportamento e descomprometimento dos filhos, alguns pais colocam na escola toda a responsabilidade pelas demandas familiares que não são bem gerenciadas pelos mesmos e acabam resultando em crianças e

adolescentes enfraquecidos de valores familiares, valores esses, que são determinantes na sua formação plena.

O caminho que as famílias estão tomando com relação aos seus filhos é íngreme e, portanto, inseguro, principalmente quando, em desespero para resgatar a confiança e a “vida de seu filho”, os pais atacam a escola, sendo esse, ainda, o único espaço limitador para o aluno, quando a família já perdeu sua referência como primeira educadora.

Vivem-se, dentro das escolas, momentos de verdadeira desmotivação por parte dos educadores. O trabalho de educar, por si só já é bastante complexo, pois trabalha com a formação de seres humanos, no entanto, ainda é preciso que a escola de conta também das dificuldades das famílias.

Algumas famílias totalmente desestruturadas na sua base, não conseguem dar a segurança e o apoio necessário que a criança e/ou adolescente precisam. Isso tem causado danos emocionais nos alunos, fator que os levam a condutas de enfrentamentos físicos e verbais com os próprios pais e com os educadores.

A pesquisa desenvolvida proporcionou à pesquisadora momentos de reflexão e busca constante por leituras que pudessem contribuir com seu crescimento intelectual e para uma melhor compreensão das falas e relatos dos professores entrevistados. O trabalho tornou-se mais consistente à medida que as reflexões tomavam forma e encontravam eco nos diversos autores pesquisados e na riqueza das abordagens que se complementaram.

REFERÊNCIAS

- ABREU, K. L. et al. Estresse ocupacional e Síndrome de *Burnout* no exercício profissional da psicologia. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 22-29, jun. 2002.
- ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.
- ANTUNES, Celso. **Professores e Professauros**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- ARANDA, Fernanda. **Elas sofrem mais de estresse**. 13/01/2010. Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/saudedamulher/elas-sofrem-mais-de-stresse/n1237535029620.html>>. Acesso em julho de 2011.
- AZEITONA, Débora. **Stress**. Disponível em: <http://www.notapositiva.com/trab_estudantes/trab_estudantes/portugues/portugues_trabalhos/stress.htm>. Acesso em julho de 2011
- BACCARO, Archimedes. **Vencendo o estresse: como detectá-lo e superá-lo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BARRETO, M. Os educadores estão doentes. Quem são os responsáveis? **Informativo do Sindicato Municipal dos Profissionais de Ensino da Rede Oficial do Recife**, Recife, p. 3-8, nov. 2004.
- BONDAN, Alzira Pimentel; BARDAGI, Marucia Patta Comprometimento profissional e estressores percebidos por graduandos regulares e tecnológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, dez 2008, v.18, n.41, p. 581-590.
- BRASIL, CLT - Art. 320 - Das Normas Especiais da Tutela do Trabalho - Dos Professores. conteúdo jurídico, Brasília-DF: 08 set. 2007. Disponível: <<http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=2.8824>>. Acesso em: 15 jun. 2011.
- _____, Consolidação das Leis do Trabalho - CLT -Decreto-Lei n.º 5.452, de 1º de maio 1943. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 05 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=712.20056&seo=1>>. Acesso em: 10 jun. 2011.
- _____, Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

_____, LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Lei de Diretrizes e Bases. Art. 67 da 9.394/96. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 jun. 2011.

BRITO, Lucas Charão. **Contra Ponto-RH: Síndrome de *Burnout***. 31 de julho de 2010. Disponível em: <<http://no-contraponto.blogspot.com/2010/08/contraponto-rh-sindrome-de-Burnout.html>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

CANNON, Walter Bradford. **Bodily changes in pain, hunger, fear and rage: an account of recent researches into the function of emotional excitement**. New York: D. Appleton, 1914.

CAPELO, Maria Regina; POCINHO, Margarida. Stresse, estratégias de coping e auto-eficácia em professores. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE PSICOLOGIA DA SAÚDE, 1., Faro, Portugal, fev. 2009. **Actas...** [S. l.]: [s. n.], 2009. p. 643-658.

CARLOTTO, M. S. A Síndrome de *Burnout* e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, p. 21-29, 2002.

CHAFIC, Jbeili. ***Burnout em professores*: identificação, tratamento e prevenção**. Rio de Janeiro: SINPRORIO, 2011.

CODO, Wanderley (Org.) **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

COMUNIDADE GRUPO FOCO. **Como fazer para vencer o aumento do nível de estresse?**. MARÇO DE 2011. Disponível em: <<http://blog.grupofoco.com.br/comunidade/index.php/2011/03/10/como-fazer-para-vencer-o-aumento-do-nivel-de-estresse/>>. Acesso em: 18 out. 2011.

Daniel. **Estresse crônico reprograma células do sistema imunológico para facilitar a progressão do câncer**. Disponível em: <<http://meubloguezinho-dudu.blogspot.com/2010/10/estresse-cronico-reprograma-celulas-do.html>>. Acesso em: 18 out. 2011.

DIAS, Neuza; SILVA, Kátia R. Ferreira. **O estresse e a qualidade de vida**. 2002. Disponível em: <<http://www.portaldafisioterapia.com/?pg=noticia&id=1028r>>. Acesso em: 06 nov. 2011.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 728.

FERRY, Gilles. **El trayecto de la formación**: los enseñantes entre la teoría y la práctica. Barcelona: Paidós, 1991.

FIORENTINI, D; MIORIM, M. A. Uma reflexão sobre o uso de materiais concretos nos jogos no ensino da matemática. **Boletim SBEM-SP**, São Paulo, ano 4, n. 7, p. 4-9, 1996. Disponível em: <http://www.matematicahoje.com.br/telas/sala/didaticos/recursos_didaticos.asp?aux=C>. Acesso em: 18 out. 2011.

FOLKMANN, S.; LÁZARUS, R. S. Coping and adaptation. In: GENTRY, W. D. (Ed). **Handbook of behavioral medicine**. New York: Guilford, 1984. p. 282-325.

FONTANA, David. **Psicologia para professores**. São Paulo: Manole, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

FREUDENBERG, H. J. The staff *Burnout*. **Journal of Social Issues**, New York, v. 30, p. 159-165, 1974.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores, para uma mudança educativa**. Lisboa: Porto Ed., 1999.

GLASER, B.; STRAUSS, A. **The Discovery of “grounded theory”**: strategies for qualitative research. New York: Aldine de Gruyter, 1967.

GUSDORF, Georges. **Professores para quê?** São Paulo: Martins Fontes, 1970.

HOLMES, D. S. **Psicologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

JESUS, Saul Neves. **A motivação para a profissão docente**: contributo para a clarificação de situações de mal-estar e para a fundamentação de estratégias de formação de professores. Aveiro: Estante Ed., 1996.

_____. **Professor sem stress**: realização profissional e bem-estar docente. Porto Alegre: Mediação, 2007.

_____; PEREIRA, Anabela M. **Estudo das estratégias de “coping” utilizadas pelos professores**. In: SEMINÁRIO A COMPONENTE DE PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E OUTROS AGENTES EDUCATIVOS, 5., 1994, Évora, Portugal. **Actas...** Évora, Portugal: Universidade de Évora, 1994. p.253-268.

JÖNSSON, Ture. **Inclusive education**: Hyderabad: un Interregional Programme for Disabled People. [S. l.]: [s. n.], 1994.

LATAACK, Janina C. Coping with job stress: measures and future directions for scale development. **Journal of Applied Psychology**, Washington, v. 71, n. 3, p. 377-385, Aug. 1986.

LÁZARUS, R. S. Coping with the stress of illness. **WHO: regional publications : European Series**, Copenhagen, v. 44, p. 11-31, 1992.

LIPP, Marilda E. Novaes (Org.) **Crianças estressadas**: causas, sintomas e soluções. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

_____. **O Stress na atualidade**: qualidade de vida na família e no trabalho. São Paulo: Contexto, 2000.

Luiz Antonio. **Síndrome de Burnout**. 8/11/2011 em TV RESINA. Disponível em: <<http://tvteresina.wordpress.com/2011/11/08/sindrome-de-Burnout/>>. Acesso em: **18 out. 2011**.

MARTINS, Rodrigo. Adapte-e-se-adapte. **Atitude Reflexiva**. [Post]. 28 dez. 2010. Disponível em: <<http://atitudereflexiva.wordpress.com/2010/12/28/adapte-e-se-adapte/>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

MASLACH, C.; GOLDBERG, J. Prevention of *Burnout*: news perspectives. **Applied and Preventive Psychology**: journal of the American Association of Applied and Preventive Psychology, New York, v. 7, p. 63-74, 1998.

_____; LEITER, M. P. **Trabalho**: fonte de prazer ou desgaste?: guia para vencer o estresse na empresa. Campinas, SP: Papirus, 1999.

MONEY, John. Hermaphroditism, gender and precocity in hyperadrenocorticism: psychologic findings. **Bulletin of the Johns Hopkins Hospital**, Baltimore, v. 96, n. 6, p. 253-264, 1955.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2007.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. **O professor como pessoa**. Porto Alegre: Sulina, 1978.

MYNAIO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

NÓVOA, Antônio (Org.). **Profissão professor**. Lisboa: Porto Ed., 1999.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **A condição dos professores**: recomendação Internacional de 1966, um instrumento para a melhoria da condição dos professores. Genebra, Suíça: OIT/UNESCO, 1984.

Patologia fácil. **Síndrome de *Burnout***. 14 de maio de 2010. Disponível em: <<http://patologiafacil.blogspot.com/2010/05/sindrome-de-Burnout.html>>. Acesso em: 18 out. 2011.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote/Instituto de Inovação Educacional, 1993.

PIAGET, Jean. **O possível e o necessário**. Trad. B. M. Albuquerque. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. v. 1.

_____. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

POCINHO, Margarida; PERESTRELO, C. X. Um ensaio sobre *Burnout*, engagement e estratégias de coping na profissão docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 513-528, set./dez. 2011.

Portal do Estudante. **Professores são vítimas de esgotamento e falta de motivação**. julho 15, 2008. Disponível em: <<http://portaldouestudante.wordpress.com/2008/07/15/>>. Acesso em: 18 out. 2011.

PORTAL EDUCAÇÃO. **11 Atitudes para evitar que o estresse profissional atrapalhe a vida**. Dezembro de 2008. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/educacao/noticias/32044/11-atitudes-para-evitar-que-o-estresse-profissional-atrapalhe-a-vida-pessoal>>. Acesso em: 15 jun.2011.

PORTAL, Leda Lísia Franciosi. Espiritualidade: uma dimensão essencial na experiência significativa de vida. In: TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MÜLLER, Marisa Campio; SILVA, Juliana Dors Tigre da. (Org.). **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 68-78.

REINHOLD, H. H. O *Burnout*. In: LIPP, M. E. N. (Org.). **O estresse do professor**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

RODRIGUES, Marina Lara et al. Estresse ocupacional: um estudo com professores das redes pública e privada de ensino. **Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro**: SPTM, Uberlândia, v.9, n. 1, jan./jun. 2005.

ROSENMAN, R. H. et al. Clinically unrecognized myocardial infarction in the Western Collaborative Group Study. **American Journal of Cardiology**, New York, v. 19, n. 6, p. 776-782, 1967.

ROSSI, Ana Maria. **Autocontrole**: nova maneira de controlar o estresse. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SANTOS, B.; ANTUNES, D. P.; BERNARDI, J. O docente e sua subjetividade nos processos motivacionais. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 46-53, jan./abr, 2008.

SELYE, H. The stress of life. In: REINHOLD, H. D. **Fontes e sintomas do stress ocupacional do professor**. New York: McGraw-Hill, 1976.

SIGOLLO, Rafael. **Nova economia aumenta risco de estresse**. REVISTA DIGITAL in CADERNOS ESPECIAIS on JAN. 12, 2012. Disponível em: <<http://www.revistadigital.com.br/2012/01/nova-economia-aumenta-risco-de-estresse/>>. Acesso em: 18 out. 2011.

SILVA, Sonaly Beatriz Frazão. **Síndrome De Burnout**. Consequência Depressiva Desencadeada Pelo Estresse No Trabalho. 18/01/2010. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/saude-artigos/sindrome-de-Burnout-consequencia-depressiva-desencadeada-pelo-estresse-no-trabalho-1744128.html>>. Acesso em: 18 out. 2011.

TAMAYO, M. R.; TRÓCCOLI, B. T. **Burnout no trabalho**. Brasília, DF: UnB, 2002.

THOMPSON, Craig J. Interpreting consumers: a hermeneutical framework for deriving marketing insights from the texts of consumption stories. **JMR: Journal of Marketing Research**, Chicago, v. 34, p. 438-455, nov. 1997.

TOLLE, Eckhart. **O despertar de uma nova consciência**. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

TRABALHOS sobre stress. [2011]. Disponível em: <<http://www.notapositiva.com>>. Acesso em: 8 jul. 2011.

UNESCO. **O perfil dos professores**: o que fazem, o que pensam, o que almejam. São Paulo: UNESCO, 2004.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UnB, 1999. 2 v.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA

A entrevista semiestruturada foi elaborada a partir dos questionamentos suscitados dentro do projeto de pesquisa. Será aplicado em professores das séries finais do ensino fundamental e médio, de uma escola da rede particular de ensino de Porto Alegre/RS. As questões buscam subsídios para responder a pergunta central da pesquisa: “*Que diferenças poderão existir entre docentes do sexo feminino e masculino no enfrentamento do estresse profissional?*”

Roteiro para a entrevista:

1. Idade? Casada (o)? Filhos? Quantos?
2. Qual é a sua formação acadêmica? E titulação?
3. Com quais níveis de ensino trabalha?
4. Quantos anos tens de profissão?
5. Quantos anos está na escola?
6. Quantas horas dedica à escola?
7. Fale sobre a sua trajetória acadêmica, como iniciou?
8. Aponte aspectos positivos da sua profissão.
9. Quais são as maiores dificuldades encontradas no desenvolvimento do seu trabalho?
10. Já passaste por alguma situação de estresse no seu trabalho? Como resolveu (coping)?
11. Como pensas que a escola poderia contribuir para o bem-estar (saúde) do professor?
12. Achas que o professor homem elabora melhor os estresses de sala de aula, diferente da mulher?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

PROJETO DE PESQUISA

SAÚDE DOCENTE – relação entre gênero e estresse profissional

Eu, _____ informo que fui esclarecido (a), de forma clara e detalhada, livre de qualquer tipo de constrangimento ou coerção que a pesquisa acima declarada, de autoria dos pesquisadores em epígrafe, tem por objetivo identificar a relação gênero e estresse profissional.

A justificativa para a realização da presente pesquisa emergiu da necessidade de compreender melhor e mais profundamente a Saúde Docente e como ocorre a relação gênero e estresse profissional nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio.

A coleta das informações será efetivada através de uma entrevista semi-estruturada a qual aceitei responder livremente. Os dados coletados, depois de organizados e analisados, poderão ser divulgados e publicados.

Porto Alegre, ____ de _____ 2011.

Alzira Pimentel Bondan - Mestranda do
Programa de Pós-Graduação - PUCRS

Profª Drª. Bettina Steren dos Santos
Orientadora da Pesquisa